



mensal | junho de 2020 | nº 12 | ano 26 | [sesc.org.br/revistae](https://www.sesc.org.br/revistae) | revistae@sescsp.org.br | Distribuição gratuita | Venda proibida

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA | VIOLÊNCIAS VELADAS | POTÊNCIA EM FLOR | LEVANTE DOS LETRADOS | ROGER CHARTIER |
VIDA E MORTE NA ARTE | ALÉM DA SALA DE AULA | PEDRO GRANATO | ANDRÉ GUERREIRO LOPES | FERNANDO TUACEK

ISSN 2179907 5 00303
9 772179 907008



SEMANA DE PREVENÇÃO DE QUEDAS em pessoas idosas

MUDAR UM HÁBITO
JÁ FAZ DIFERENÇA!



INCENTIVANDO OS CUIDADOS
COM QUEDAS DE IDOSOS
EM SUA ROTINA DIÁRIA,
ESPECIALMENTE EM CASA.

24 a 30 de junho de 2020

saiba mais em:
sescsp.org.br/prevencaodequedas

assista em:
youtube.com/sescsp

#emcasacomsesc



Concepção e arte: Camilla Silva Wanderley, José Gonçalves Júnior e Renato Perez de Castro

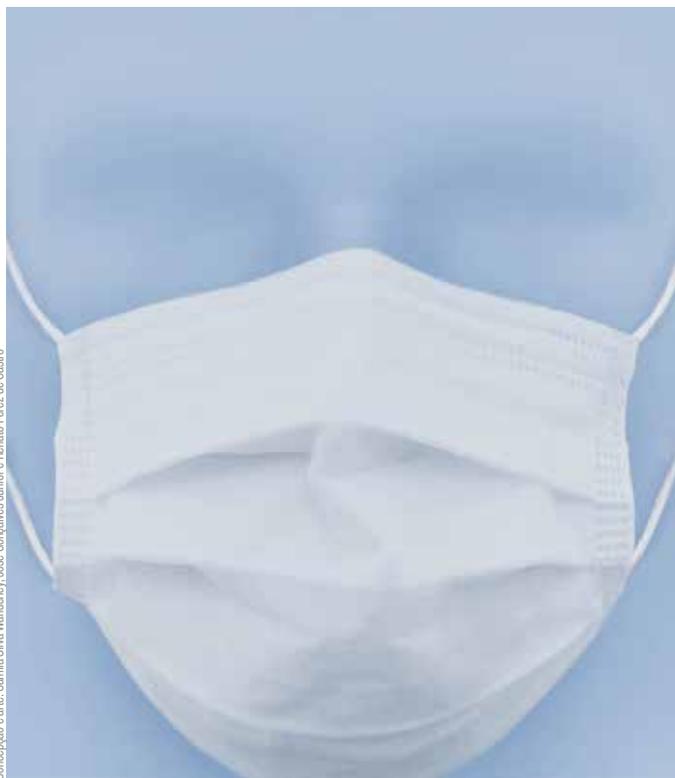


IMAGEM DA CAPA

A **Revista E** deste mês veste a máscara, este ícone que se tornou um retrato simbólico do nosso tempo. Item de proteção necessário neste momento da pandemia que nos provoca a reflexão em torno da nossa vulnerabilidade, ao mesmo tempo que nos convida a buscar a essência do que nos configura como seres humanos. O que virá depois? O que queremos construir como resultado desta experiência que é, ao mesmo tempo, pessoal e coletiva? A pensar.

Você também pode ler a **Revista E** em tablets e smartphones

Baixe o aplicativo do Sesc São Paulo e confira as reportagens e entrevistas, além de vídeos, áudios e imagens.

Download gratuito para Android e iOS

Solidariedade presente

A rotina imposta pela pandemia da Covid-19 exigiu duras adaptações à população, com a necessidade de isolamento para conter a disseminação do novo coronavírus e a inclusão de novos hábitos de autoproteção, como o uso das máscaras. Trata-se de um desafio que atinge a todos, com consequências nas esferas pessoal e coletiva. Diante da dor pela perda de familiares e amigos e da incerteza no cenário socioeconômico que se apresenta, valores como a solidariedade se fazem ainda mais presentes.

Inúmeras são as iniciativas para ajudar os mais necessitados, seja com doação de mantimentos seja em ações de caráter educativo e de apoio emocional. O Sesc – Serviço Social do Comércio, criado e mantido pelo empresariado do comércio, serviços e turismo, também está a serviço da sociedade. Em diálogo permanente com o poder público, está produzindo e distribuindo protetores faciais aos profissionais da saúde. Intensificou as doações de alimentos por meio do programa Mesa Brasil Sesc São Paulo, numa atitude de combate à fome e à má distribuição desses itens alimentícios. E oferece, em suas plataformas digitais, programações diversas, que fortalecem o vínculo com seu público, mantendo-se firme no compromisso de promover o bem-estar da população, no enfrentamento deste grande desafio.

ABRAM SZAJMAN

Presidente do Conselho Regional do Sesc no Estado de São Paulo

SUMÁRIO

Plataformas digitais educadoras

Uma das características marcantes no enfrentamento da pandemia do novo coronavírus é a presença das tecnologias digitais na vida cotidiana, o que de certo modo, está permitindo a uma parte da população manter contato com familiares e amigos, trabalhar remotamente, praticar atividade física com orientação de um instrutor de esportes e realizar seus estudos. Não é de hoje que a Educação se dedica ao desenvolvimento de práticas utilizando ferramentas digitais, algo intensificado na quarentena. São inúmeros os exemplos de cursos disponíveis nas plataformas da internet, nas mais diversas áreas do conhecimento, ampliando e democratizando o acesso ao aprendizado, como mostra reportagem desta edição da **Revista E**.

Em *Entrevista*, o poeta Geraldo Carneiro nos convida a uma reflexão sobre como a Literatura tratou outras epidemias – antes chamadas de pestes – por meio da escrita de diferentes autores. O historiador e escritor francês Roger Chartier traz, em *Depoimento*, uma análise de como a Covid-19 pode mudar os rumos da humanidade. No *Almanaque Paulistano*, dica para visitar o acervo virtual da Sala São Paulo e assistir aos concertos da Osesp. E, em *Inéditos*, conto de Pedro Granato. Boa leitura!

DANILO SANTOS DE MIRANDA

Diretor do Sesc São Paulo



Antonio Guerreiro

Em ENTREVISTA, o escritor GERALDO CARNEIRO fala sobre literatura frente a epidemias de outros momentos da história

10



Adriana Vichi

Novas perspectivas sobre EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA emergem neste cenário de isolamento social

16



Divulgação

No PERFIL, um capítulo da história do Brasil conhecido como REVOLTA DOS MALÊS

24



Cor de Pele (detalhe), Ana Horiades, 2017 | foto: Isabela Matheus

Na GRÁFICA, a criatividade e produção de uma nova geração de artistas na MOSTRA DE ARTE DA JUVENTUDE

30



Pixabay

VIOLÊNCIAS VELADAS contra a população de idosos precisam ser denunciadas e pensadas por todos

44

DOSSIÊ

7

EM PAUTA | ALÉM DA SALA DE AULA

48

ENCONTROS | ANDRÉ GUERREIRO LOPES

54

DEPOIMENTO | ROGER CHARTIER

58

INÉDITOS | PEDRO GRANATO

60

ALMANAQUE PAULISTANO

66

P.S. | FERNANDO TUACEK

68

SEJA UM DOADOR MESA BRASIL!

LEVAMOS ALIMENTOS ÀS PESSOAS ATINGIDAS PELA CRISE DO CORONAVIRUS.

CONHEÇA

Há mais de 25 anos o programa funciona como uma rede de combate à fome, ao desperdício e à má distribuição de alimentos, baseado na parceria entre a sociedade civil, o empresariado e as instituições sociais.

OFEREÇA

Muitas empresas podem participar do Mesa Brasil Sesc São Paulo.

O programa só existe porque **empresários e gestores conscientes de sua responsabilidade social participam ativamente.**

NESTE MOMENTO, PRECISAMOS DE:

Cestas básicas

Produtos de higiene pessoal

Creme dental, escova de dente, sabonete, desodorante, absorvente higiênico, papel higiênico e shampoo.

Produtos de limpeza

Sabão em pó, detergente, desinfetante e esponja.

Produtos diversos

Arroz, feijão, lentilha, leite, sardinha, carnes e embutidos curados sem refrigeração, enlatados e conservas, sal, açúcar, farinha de mandioca, fubá, molho de tomate e óleo.

PODEM DOAR

Centrais de abastecimento, produtores, supermercados, atacadistas, padarias, confeitarias, feiras, indústrias, cerealistas, entre outros.

SAIBA COMO DOAR

mesabrasil.sescsp.org.br





Lúcio Érico

Daqui pra frente

SESC LANÇA DOCUMENTÁRIO *IDEIAS E AÇÕES PARA UM NOVO TEMPO* NO AMBIENTE DIGITAL E APRESENTA REFLEXÕES SOBRE O HORIZONTE DA SOCIEDADE

O Sesc São Paulo mapeia desde 2016 iniciativas socioambientais voltadas ao desenvolvimento local e que tenham, entre outros atributos, potencial educativo e práticas de respeito ao ambiente e à diversidade cultural. Essa ação acontece por meio do projeto *Ideias e Ações para um Novo Tempo*, que, durante este mês, apresenta atividades educativas no ambiente digital, abordando diversas perspectivas para a compreensão das questões ambientais diante das novas dinâmicas de vida que se apresentam neste momento de isolamento social para contenção da Covid-19.

Na programação, será lançado o documentário *Ideias e Ações para um Novo Tempo*, que traz depoimentos de representantes de iniciativas e especialistas sobre formas de conciliar aspectos econômicos, sociais, ambientais e culturais nos modos de vida e de geração de trabalho e renda. A exibição será no Dia Mundial do Meio Ambiente (5/6), às 16h, no canal do Sesc no YouTube, seguida por um debate com a líder comunitária da Vila Nova Esperança,

DIANTE DA
URGÊNCIA DE
VISLUMBRARMOS
FUTUROS POSSÍVEIS
NO MOMENTO
EM QUE VIVEMOS,
O SESC PROMOVE
AÇÕES EDUCATIVAS
QUE DIALOGAM
COM QUESTÕES
SOCIOAMBIENTAIS
PRESENTES
NO COTIDIANO
DAS PESSOAS

**GABRIELA
GRAÇA FERREIRA**,
assistente técnica da
Gerência de Educação
para Sustentabilidade
e Cidadania

Maria de Lurdes de Andrade Silva, conhecida como Lia, e o historiador Célio Turino. Além disso, ao longo do mês de junho, será compartilhada com o público uma série de matérias e vídeos sobre outras formas de nos relacionarmos com o consumo, com nossos resíduos e com as áreas naturais.

“Diante da urgência de vislumbarmos futuros possíveis no momento em que vivemos, o Sesc promove ações educativas que dialogam com questões socioambientais presentes no cotidiano das pessoas. Esse diálogo é feito por meio da apresentação de projetos e ações que resistem e constroem outros modos de viver, pautados pelo reconhecimento da interdependência entre a sociedade e a natureza, no fazer comunitário, no exercício da cidadania, na valorização das diferentes visões de mundo”, afirma Gabriela Graça Ferreira, assistente técnica da Gerência de Educação para Sustentabilidade e Cidadania.

Para conhecer o documentário e as matérias, entre outros conteúdos, acesse sescsp.org.br/ideiaseacoes.



Coletivos Culturais - Ações em territórios durante a pandemia.
Um dos encontros promovidos pela série *Ideias*. Participantes:
Cleiton Ferreira, Marcos Felipe e mediação de Bianca Santana

SESC IDEIAS

Durante a quarentena para controle da Covid-19, o Sesc São Paulo realiza a série de debates *Ideias*, com reflexões acerca do presente e suas implicações. Diariamente, às 16h, a série vai ao ar pelo YouTube levando uma agenda sociocultural e educativa atual. Nessa conferência virtual, o público é convidado a interagir com debatedores e mediador por meio de perguntas e comentários. Um diálogo entre gestores, pesquisadores, pensadores, atores, médicos e profissionais de diversas áreas. Dentre os temas já debatidos estão: Cultura em tempos de Covid-19; Como a pandemia afeta os idosos; e Protagonismo negro. Assista em: youtube.com/sescsp.

OS NOMES SELECIONADOS PARA AS LIVES CARREGAM UM HISTÓRICO DE SHOWS NOS PALCOS DAS UNIDADES DO SESC, E AGORA, EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL, VÃO LEVAR SEUS REPERTÓRIOS A UM NÚMERO AINDA MAIOR DE PESSOAS E DE GRAÇA!

Matéria no site *Catraca Livre* sobre as lives de artistas exibidas nas redes sociais do Sesc São Paulo.

A PROPOSTA DA ATIVIDADE, DIVIDIDA EM SEIS AULAS, É ENSINAR TÉCNICAS "FAÇA VOCÊ MESMO" PARA A ELABORAÇÃO DE LETREIROS POPULARES. ISTO É, MÉTODOS PARA PINTAR PLACAS, FACHADAS, DECORAÇÃO DOMÉSTICA E ATÉ PARA CAPACITAR PESSOAS À PROFISSÃO DE PINTOR LETRISTA.



Matéria no site do jornal *Correio Braziliense* sobre o curso *O Pintor Letrista*, disponível no Sesc Digital

A PLATAFORMA SESC DIGITAL É DIVIDIDA POR CATEGORIAS PARA FACILITAR A BUSCA. ENTRE OS CONTEÚDOS LITERÁRIOS, UM DOS MAIS PROCURADOS É O PROGRAMA *SUPER LIBRIS* (EPISÓDIO "OS RITMOS DA PROSA"), QUE ABRE A SEGUNDA TEMPORADA DA SÉRIE DO SESC TV, DIRIGIDA POR JOSÉ ROBERTO TORERO, COM CHICO BUARQUE EXPLICANDO COMO ENCONTRA A MÚSICA EM SEU TEXTO.



Plu Dip

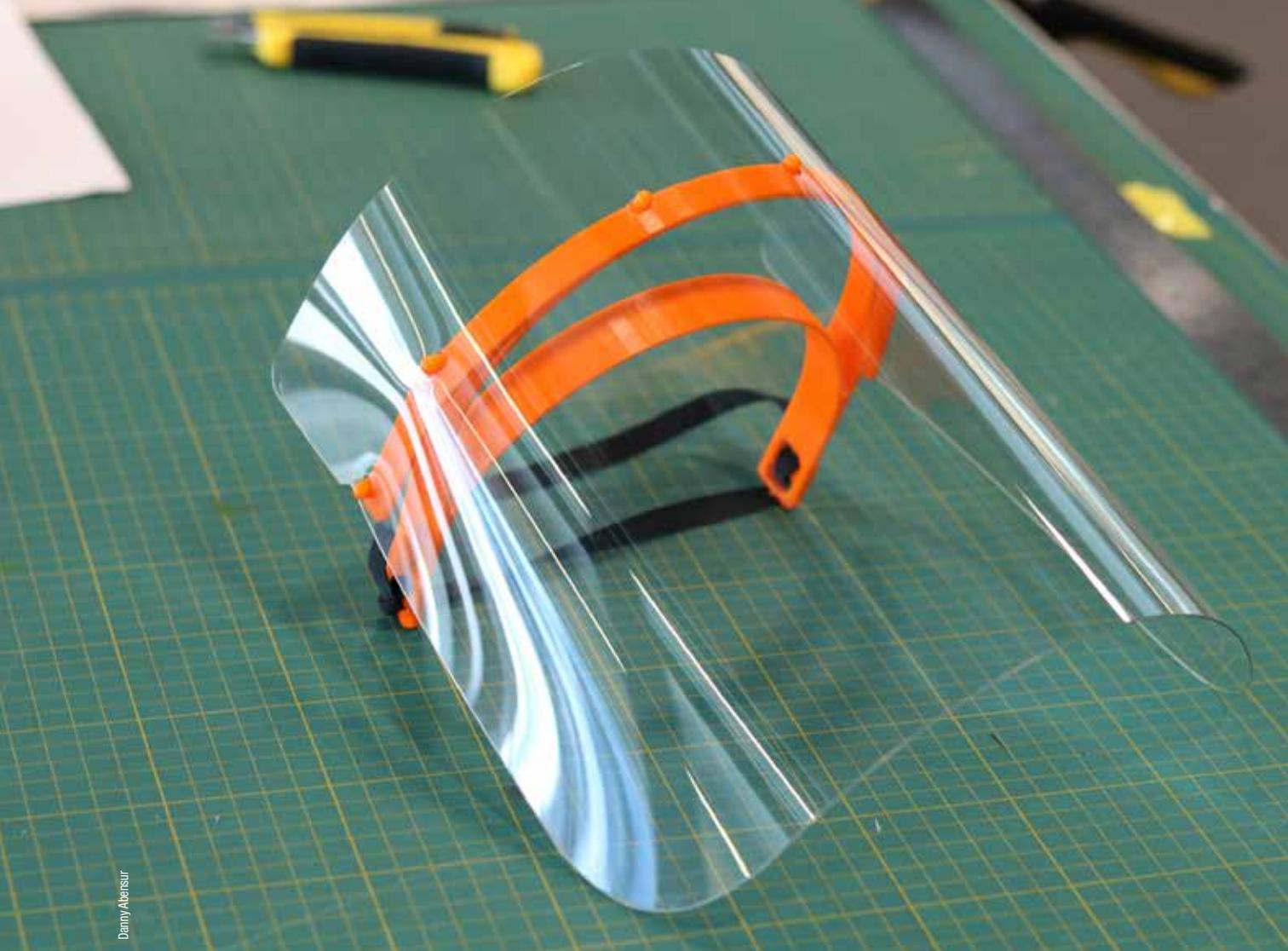
BRUNO CALIXTO, em matéria para o jornal *O Globo*, sobre programa exibido no SescTV



Edson Kumasaka

TEATRO EM CASA

Além de lives de artistas da música, o teatro integra a programação do #EmCasaComSesc nas redes sociais do Sesc São Paulo. São apresentados, diretamente da casa de atores do teatro brasileiro, textos clássicos e contemporâneos, em monólogos especialmente adaptados para o meio digital. As apresentações acontecem todas as segundas, quartas, sextas e domingos, às 21h30, nos canais youtube.com/sescsp e instagram.com/sescaovivo. Na estreia, dia 15 de maio, o ator Celso Frateschi (*foto*) apresentou *Diana*, texto autoral sobre um professor que se apaixona por uma escultura e passa a se comunicar apenas com objetos. Acompanhe nas redes sociais do Sesc São Paulo as próximas apresentações.



Danny Alencar

Desde o mês de abril, o Sesc São Paulo direciona a infraestrutura de seus Espaços de Tecnologias e Artes para a fabricação de protetores faciais para doação. No polo de produção estabelecido na unidade Avenida Paulista, são produzidas, em média, até 500 unidades por semana para serem entregues a instituições sociais e hospitais. Entre as instituições já beneficiadas está a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

O DOCUMENTÁRIO, TODO DISPONÍVEL NO SITE DO SESC TV PARA SER VISTO SOB DEMANDA, APRESENTA PERSONAGENS MUITO INTERESSANTES EM UMA GAMA DE TIPOS QUE NOS PERMITE TER UMA DIMENSÃO DO QUE É ESSE PROCESSO, DE COMO SE PREPARAR PARA ELE E DE COMO ARRUMAR A CASA PARA OS VELHOS DO NOSSO PAÍS.

CRISTINA PADIGLIONE, na coluna *Tele Padi*, publicada na *Folha de S.Paulo*, sobre a série *Envelhecer*, exibida no SescTV



Arapy Produções

SOLIDARIEDADE EM REDE

O Mesa Brasil Sesc São Paulo já distribuiu, desde janeiro deste ano, 2 mil toneladas de alimentos, complementando 2 milhões de refeições em 702 instituições sociais no estado. Neste momento, o programa busca expandir sua rede de parceiros doadores para ampliar a distribuição de alimentos. Também foram incluídos na lista produtos de higiene e limpeza, a fim de atender a outras necessidades de um número cada vez maior de pessoas atingidas pela pandemia. Indústrias, cerealistas, produtores rurais, centrais de abastecimento, supermercados, atacadistas, padarias, confeitarias, feiras livres e outros que queiram realizar doações podem acessar o site www.sescsp.org.br/mesabrasil e enviar um e-mail para mesabrasil@sescsp.org.br para obter mais informações.

Vida e morte na ARTE

O POETA GERALDO CARNEIRO RELEMBRA OBRAS DE DIVERSOS PERÍODOS DA HISTÓRIA EM QUE A LITERATURA ORA CONFRONTOU EPIDEMIAS, ORA SE ISOLOU DELAS

Na literatura nacional ou estrangeira, tanto o mal-estar do mundo quanto os sonhos do ser humano acomodam-se em enredos de ficção e versos de poesia. Nas páginas dos livros, um reflexo impresso do que acontece do lado de dentro e do lado de fora, na sociedade. Em obras como *Romeu e Julieta*, do inglês William Shakespeare, e *Decameron*, do italiano Giovanni Boccaccio, epidemias, então chamadas de “pestes”, tornaram-se protagonistas ou pano de fundo. E, assim, o contexto incerto projetado por doenças foi abordado pela arte produzida ao longo dos últimos séculos. Neste momento em que a Covid-19 mostra-se como um novo capítulo na história da humanidade, reler as obras de Shakespeare, Boccaccio e outros mestres é aprender com o passado. Membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), o poeta, letrista, tradutor e roteirista Geraldo Carneiro olha pelo retrovisor da literatura e faz observações acerca do que já foi escrito sobre o ser humano em tempos de pandemia.





Antonio Guerrero

O que ocorre agora com o fechamento de teatros mundo afora, por causa da pandemia da Covid-19, ocorreu já em outros momentos da história. No final do século 16 e início do século 17, William Shakespeare e sua companhia de teatro enfrentaram em Londres algumas epidemias, por exemplo. Como isso se deu?

Diversas vezes os teatros de Londres foram fechados durante a carreira de Shakespeare. Segundo alguns biógrafos e cronistas, uma das piores temporadas foi a de 1593, quando a peste, em seu apogeu, chegou a matar mil pessoas por semana. Se levarmos em conta que a população da cidade era de 200 mil, imaginamos a devastação. Na época, os teatros permaneceram fechados até o final do ano. Com razão, porque abrigavam multidões. Tinham um sistema de lotação parecido com o do antigo Maracanã, que já recebeu público maior do que toda a população da Londres daquela época. As pessoas ficavam grudadas umas nas outras e, assim se contagiavam com a maior facilidade. Não me atrevo a descrever em detalhes a falta de higiene da época.

Tanto que em *Romeu e Julieta*, uma peça romântica e cruel, Shakespeare faz uma menção direta à peste que assolava Londres.

Romeu e Julieta começa como se fosse um filme de Quentin Tarantino: as duas gangues, Capuletos e Montéquios, trocam baixarias dignas de Samuel Jackson e John Travolta. É um belo contraste com a história de amor, adaptada por Shakespeare a partir de diversas versões de outros autores. Não havia a obsessão da originalidade, talvez inventada pelo Romantismo.

Em *Romeu e Julieta*, já há uma menção à peste no famoso monólogo da Rainha Mab. A mais terrível evocação da peste, no entanto, é feita pelo personagem Mercúcio, quando é mortalmente ferido no confronto das famílias Capuleto e Montéquio: “Que a peste caia sobre vossas duas casas!”. E para que sua maldição se torne definitiva, Mercúcio repete a frase.

Há outras obras do dramaturgo inglês em que ele faça referência a epidemias?

Muitas. O *Rei Lear*, por exemplo, menciona o tema muitas vezes. Uma de suas frases parece escrita nos dias de hoje: “Tempo empestado esse, em que os loucos guiam os cegos”. Em *Ricardo II*, outro verso adequado

ao circo de nossas circunstâncias: “Se a peste paira sobre nós, é ele”. Fica a critério do leitor escolher quem é o seu “ele”. Em *Otelo*, Iago vive falando em “plague”. Mas pode ser também no sentido de praga e amolação. Ricardo III, meu malvado favorito, proclama: “Que a peste caia sobre todos vós”. Em *A Tempestade*, o personagem Caliban diz: “Que caia a peste sobre o tirano a quem sirvo”. Há peste para todos os gostos, gregos e troianos: nos sonetos, nas peças, nos poemas longos. Em suma, embora Shakespeare tenha um dicionário repleto de xingamentos, talvez a peste fosse uma de suas pragas prediletas.

Nas tragédias gregas, pragas e epidemias, por vezes, surgem até como personagens, caso de Édipo. Ali não é só uma referência, mas quase um personagem...

É possível. Se você me permite especular, foi a peste que levou Édipo a investigar sua história e descobrir os crimes que cometeu, ainda que involuntariamente, contra os costumes da comunidade. Os gregos chamam a arrogância dos seres humanos de *hubrys*.

Quando se cometia o pecado da *hubrys*, era inevitável ser punido pela *nêmesis*, isto é, a vingança dos deuses. Podemos fazer um paralelo entre a *hubrys* do mundo antigo e a nossa, do mundo contemporâneo, que tem cometido sistematicamente crimes contra a natureza. E a peste do coronavírus pode ser interpretada como a *nêmesis* da natureza. Se continuarmos a desrespeitá-la, merecemos ser varridos do planeta.

A peste bubônica, então conhecida como peste negra, matou milhões de pessoas no século 14. Mesmo assim, autores que viveram durante esse período, como o poeta Petrarca (considerado o inventor do soneto), escreveram obras poderosas. Teriam eles aprendido a conviver com a morte?

A literatura é sempre uma vitória da vida sobre a morte. A poesia de Petrarca, se não me falha a memória – e ela falha muito –, é toda em louvor de sua amada Laura. Mas só conheço o repertório de seu *Cancioneiro*.

A presença da Igreja Católica à época da peste bubônica é muito forte, ao pautar com mão de ferro costumes e condutas. A obra *Decameron*, de Giovanni Boccaccio,

A LITERATURA
É SEMPRE UMA
VITÓRIA DA VIDA
SOBRE A MORTE



SE VOCÊ ME PERMITE ESPECULAR,
FOI A PESTE QUE LEVOU ÉDIPO A INVESTIGAR
SUA HISTÓRIA E DESCOBRIR OS CRIMES QUE COMETEU,
AINDA QUE INVOLUNTARIAMENTE, CONTRA OS COSTUMES DA COMUNIDADE

que descreve jovens que se refugiam da peste nas montanhas e passam os dias em alegria, pode ser vista como uma reação à igreja?

Por acaso, o narrador começa falando de Deus. Creio que as epidemias suscitam – ou ressuscitam, se você me permite correr o risco desse verbo – a ideia de Deus, a suposição de que há alguma arquitetura por trás da natureza. Em algum lugar de sua obra, aliás, o próprio Nietzsche [filósofo alemão, 1844-1900] diz que o cristianismo é a religião dos oprimidos. De fato, a ideia de que há um outro mundo, melhor do que o daqui, é altamente sedutora para os deserdados, os carentes de tudo. E o ateísmo talvez seja a religião chique das elites, que podem se dar ao luxo de descrever em Deus.

Na Guerra do Peloponeso, confronto entre Atenas e Esparta descrito por Tucídides, também há uma menção da peste chegando às cidades.

Como os gregos tratavam a morte, seja pela doença ou pelas guerras?

Os gregos da *Iliada* [um dos dois principais poemas épicos da Grécia Antiga, de autoria atribuída ao poeta Homero] achavam a morte uma beleza. Cá entre nós, eram um bando de narcisistas querendo conquistar a posteridade através da guerra. O pior é que conquistaram, por obra e graça da poesia. Se eu vivesse naquele tempo, proporia a Homero (se é que ele existiu) uma greve literária semelhante à greve sexual que Lisístrata fez com os rapazes de Atenas: enquanto durar a guerra, não tem poesia.

Manuel Bandeira era tísico, assim como Paul Éluard. Ambos, quando jovens e doentes, ficaram internados na Suíça, no mesmo hospital, por vários anos. Mas a obra dos dois traz um olhar sobre a vida cotidiana muito feliz. Um olhar que valoriza os pequenos detalhes.

Não considero Manuel Bandeira feliz. Ao contrário, ele me parece quase sempre melancólico, fala da “vida inteira que podia ter sido / e que não foi”. Nos momentos em que parece feliz, cria utopias como a de Pasárgada e as “inacessíveis praias” ao sul do Rio de Janeiro. Lugares sempre inalcançáveis. Curioso que, apesar de tísico, desenganado desde os verdes anos, Bandeira é dos

escritores mais longevos de sua geração. O camarada não se detona; o doente se cuida mais. Já Paul Éluard guarda uma inocência permanente e nunca dá bandeira – se você me permite o trocadilho – de sua condição de tuberculoso. Pelo menos não nos poemas que li dele.

Ambos, ao voltarem para seus países de origem, se tornaram figuras centrais na renovação da literatura. Será que há alguma relação entre doença e ruptura com a tradição?

É uma boa ideia, nunca tinha pensado nisso. Mas desconfio que, para lutar pela ruptura, a pessoa tem que ter uma saúde boa.

EMBORA
SHAKESPEARE
TENHA UM
DICIONÁRIO
REPLETO DE
XINGAMENTOS,
TALVEZ A PESTE
FOSSE UMA DE
SUAS PRAGAS
PREDILETAS

Alguns artistas tombaram pela peste – caso do pintor austríaco Egon Schiele e de sua mulher, Edith Schiele, ambos derrubados pela gripe espanhola. Schiele tinha 28 anos.

Não era privilégio dele. A “espanhola” foi um desastre planetário. Entre 50 e 100 milhões de mortos. E a população da Terra era, no máximo, um quinto da que é hoje. No Rio de Janeiro, a melhor narrativa a respeito foi feita por Pedro Nava, em sua coleção de memórias – que, aliás, é uma obra-prima. Havia engarrafamento de carros fúnebres nas ruas. Em compensação, o carnaval do ano seguinte tem fama de ter sido o melhor da história do Rio.

Até a Primeira Guerra Mundial, no início do século 20, havia uma espécie de honra em

morror pela pátria, uma coragem herdada por um romantismo tardio. Mas a morte do poeta Guillaume Apollinaire, que foi baleado em batalha e depois sucumbiu à gripe espanhola, foi um choque entre seus companheiros de geração. Você vê alguma diferença entre as mortes provocadas pela peste e pela guerra?

Creio que esse heroísmo moral e cívico perdurou, entre os pobres de espírito, até pelo menos meados do século 20. Essa história de morrer pela pátria é ridícula. Como diz o Dr. Samuel Johnson, a pátria é o último refúgio dos canalhas. E, se posso acrescentar, dos cretinos também. A peste (ou sua versão atual, o coronavírus) desperta em nós

A PESTE (OU SUA VERSÃO ATUAL, O CORONAVÍRUS) DESPERTA EM NÓS A CONSCIÊNCIA DA FINITUDE

a consciência da finitude. E há de nos despir da arrogância (olha a *hubrys* de novo aí, gente!) de imaginarmos ser os donos da natureza. Espero que isso nos faça mudar radicalmente nossos “ideais” de consumo. O consumo selvagem de tudo: do ar, do mar, dos outros. Não somos os reis da cocada preta. Como a pandemia demonstra, estamos mais para o cocô do cavalo do bandido.

Há quem diga que o distanciamento, ou certa frieza, do europeu é motivado pela sucessão de epidemias enfrentadas por eles ao longo de séculos. Seria então primeiramente uma maneira de se proteger de contágios. O que acha?

Não saberia generalizar. Já conheci muitos europeus calorosos. Até franceses, tidos anedoticamente como frios. Italianos e espanhóis, em geral, são calorosos como nós, ou vice-versa. Nossa diferença talvez seja a herança afro-brasileira, ou relativa à nossa estrutura (ou falta dela) social. Nas favelas do Rio, por exemplo, há uma afabilidade encantadora. E também há um senso de comunidade que o pessoal “do asfalto” – como se dizia nos anos 1960 – raramente tem. Por outro lado, as paixões de alguns poetas europeus posteriores às diversas pestes são fervorosas. Você vê isso em Camões, em John Donne e outros. Não há peste que segure. Esse distanciamento referido por você talvez seja um efeito – ou quem sabe um defeito – da civilização ocidental.

Pedro Nava era médico, além de escritor, e teve um olhar, digamos, sanitário sobre o que era o Brasil daquele início de século 20, vitimado pela gripe espanhola e pela briga de sanitaristas, como Oswaldo Cruz ao tentar vacinar toda a população. Tanto lá como agora há uma resistência às orientações médicas. Será que não aprendemos?

Pedro Nava nasceu em 1903. Quando encarou a gripe espanhola, tinha 15 anos. Deve ter ficado assombrado a vida inteira com o que viu. Se não me engano, era especialista em Reumatologia. Chegou a tratar de meu pai, nos anos 1960, a quem prescreveu um tratamento à base de raios X, que não tinha nada a ver com a doença.

Acontece. A medicina enfrenta sempre a obtusidade dos leigos. Imagine só a loucura que Oswaldo Cruz encarou para convencer os debiloides da pátria a fazer a vacinação. Tivemos lideranças horríveis no princípio do século 20. Não podíamos imaginar que iríamos piorar tanto na segunda década do século 21.

Não é curioso o Brasil ter perdido um presidente para a gripe espanhola, ter havido tantas revoltas contra a vacinação em massa e, no entanto, haver poucos registros na literatura brasileira?

Li recentemente discussões sobre a *causa mortis* do presidente Rodrigues Alves. Creio que *Metrópole à Beira-Mar* (Companhia das Letras, 2019), excelente livro de Ruy Castro, fala sobre o assunto. Quanto à ficção escassa sobre o tema, talvez se deva ao fato de que o antagonista – ou seja, o vírus – é um inimigo invisível. O ficcionista precisa ser um craque pra fazer do vírus personagem. As melhores ficções virais que conheço são algumas obras de Franz Kafka. Depois *O Rinoceronte*, de Eugène Ionesco. E, por fim, *Ensaio sobre a Cegueira*, do Saramago. Todas essas ficções partem de uma alegoria, que aos poucos se torna concreta. E nos aterroriza para sempre. Entre as tragédias brasileiras, talvez a mais notável seja a de Canudos, descrita por Euclides da Cunha. E *A Retirada da Laguna*, escrita pelo Taunay. Machado não gostava de tragédia. Esse gênero não agradaria às suas leitoras. Digamos que ele fosse tragicômico.

Como você tem enfrentado o isolamento? Quais livros tirou para ler?

Tirei vários livros da estante. Tinha planos incríveis para o período da pandemia. Em vão. Não consegui ler quase nada. Li *Hamlet* [obra de William Shakespeare], pela décima vez. Tentei ler *O Amor nos Tempos do Cólera* [de Gabriel Garcia Marquez], traduzido por Antonio Callado. Descobri que já o havia lido. Em suma, em matéria de leitura, tenho sido um fracasso.

Acha que o isolamento social no Brasil pode resultar em obra literária? Ou tudo será esquecido?

Difícil fazer conjecturas a respeito. Se for pra chutar, acredito que teremos uma epidemia de poemas pandêmicos. Como nos séculos 15 e 16, em que todo mundo imitava o Petrarca, falando sobre as mesmas coisas. O futuro vai fazer uma seleção e avaliar se alguma coisa presta. ■

TÃO LONGE, TÃO PERTO

NOVAS PERSPECTIVAS DA
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
EMERGEM NO CENÁRIO
DE ISOLAMENTO SOCIAL



S seja pela sobrevivência, para adaptação em uma determinada sociedade ou por pura curiosidade, aprender move e transforma a humanidade. Hoje, em tempo de isolamento social para a contenção da Covid-19, a rotina da aprendizagem impõe novos desafios. Das aulas do ensino formal (do nível básico à pós-graduação), às atividades do ensino não formal (com cursos de idiomas, música, desenho, pintura, entre outros), navegamos na rede e em plataformas digitais por mares de avanços da educação a distância. “A impossibilidade de acessar os espaços escolares de um dia para outro levou a educação presencial a ser toda repensada”, observa a conselheira da Associação Brasileira de Educação a Distância (Abed) Ivete Palange.



Adriana Vichi

As instituições que já desenvolviam cursos totalmente a distância continuaram com eles. Para aquelas que realizavam cursos híbridos (parte presencial e parte a distância), foi necessário adaptar o conteúdo presencial. É bom lembrar que a educação a distância (EAD) tem uma história consolidada no Brasil (*leia boxe Da correspondência ao computador*).

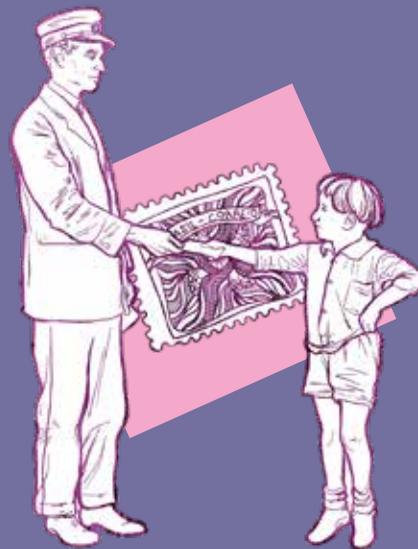
No caso de cursos livres, muitos professores tiveram que se adaptar a outra forma de ensinar. O letrista e designer Filipe Grimaldi foi um deles. Acostumado a realizar oficinas presenciais, encarou o desafio de criar o curso *O Pintor Letrista – Lições Introdutórias em Pintura de Letra*, com a equipe do Sesc Digital, para a plataforma EAD do Sesc São Paulo, que tem mais de 10 mil alunos inscritos nos quatro cursos gratuitos disponíveis (*leia boxe Aprenda de casa!*). ▶

Da correspondência à internet

COMO A EAD EVOLUIU ATÉ CHEGAR AO FORMATO ATUAL

1900 PELO CORREIO

Há uma linha de pesquisadores que apontam o começo da EAD neste período, com a publicação dos primeiros anúncios de cursos em jornais no Rio de Janeiro – principalmente de datilografia, por correspondência. Em 1904, chegou ao Brasil a filial norte-americana Escolas Internacionais, que capacitava alunos com conhecimentos comerciais.



DE 1920 À DÉCADA DE 1940 PELAS ONDAS DO RÁDIO

Em 1923, foi posta em prática a primeira iniciativa de educação pelo rádio, com a criação da Rádio Sociedade, projeto de um grupo de intelectuais da Academia Brasileira de Ciências (ABC) para divulgar a ciência no país, além de música (clássica e popular), cursos de francês, inglês, história do Brasil, literatura portuguesa e francesa, e palestras de divulgações científicas. Em 1936, a Rádio Sociedade

foi doada à administração pública e passou a se chamar Rádio Ministério da Educação. Na década de 1940, o Serviço Social do Comércio (Sesc) também criou sua emissora para promover a educação a distância.



Ilustrações: Editoria de Arte



ANOS 1960 PELA TELEVISÃO

O Código Brasileiro de Telecomunicações estimulou a produção de programas que levassem educação para ouvintes e telespectadores, promovendo as televisões educativas. E, em 1969, o Ministério das Comunicações baixou uma portaria determinando um tempo obrigatório e gratuito para programação educacional em emissoras comerciais. Nasce aí o termo "teleducação".

ANOS 1970 EDUCAÇÃO FORMAL

Até os anos 1970, a educação a distância no Brasil estava praticamente restrita a cursos profissionalizantes. A partir dessa época, a modalidade começou a ganhar relevância no estudo formal, sobretudo para suprir a necessidade de pessoas que, por motivos diversos, não haviam frequentado ou tinham abandonado o ensino regular. Em 1971, foi fundada a Associação Brasileira de Teleducação (ABT) para discutir questões relativas às tecnologias aplicadas à educação. Em 1978, foi criada a iniciativa que se tornou a mais popular de teleducação, o Telecurso 2º grau, criado pela TV Cultura e pela Fundação Roberto Marinho. Até então, cursos de graduação ou de pós-graduação não eram contemplados.



1988 NA CONSTITUIÇÃO E PELA INTERNET

A Constituição de 1988 abriu caminho para reconhecimento da EAD. O artigo 203 determinava a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber, e o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas. Em 1992, a Universidade Federal de Mato Grosso foi pioneira ao oferecer um curso de licenciatura a distância para professores. Também em meados da década de 1990, as instituições de ensino passaram a utilizar a internet para disponibilizar seus materiais.



1996 TODOS OS NÍVEIS

Em 1996, a partir de uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a EAD passou a ser possível em todos os níveis. Um avanço que possibilitou o funcionamento dos cursos de graduação e de pós-graduação, assim como sua utilização na educação básica (do ensino fundamental ao médio) tanto na modalidade regular, como na de jovens adultos e na educação especial. A lei teve a grande virtude de admitir, de maneira indireta, os cursos livres a distância, neles inseridos os ministrados pelas chamadas "universidades corporativas" e outros grupos educativos.

DE 2005 A 2017 - CRESCIMENTO

No final de 2005, o país contava com 128 instituições credenciadas para oferecer cursos superiores e/ou pós-graduação a distância, segundo o Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação (Ipaee). Também nesse ano foi publicado o Decreto nº 5.622, que regulamenta a EAD no Brasil. De acordo com o censo EAD.BR, feito pela Associação Brasileira de Ensino a Distância (Abed), o ano de 2017 registrou um número recorde de matriculados: 7.773.828. Os cursos que têm ampliado seu número de alunos são os de nível superior e de pós-graduação *lato sensu*, segundo o relatório.

Fonte: Livro *Abed - Associação Brasileira de Educação a Distância - 20 anos* (2015) e site www.abed.org.br





Adriana Vichi

- “Você tem que se preparar para que as dúvidas das pessoas sejam resolvidas no decorrer do conteúdo dado. No meu caso, uma técnica artística com pincel e tinta, foi necessário aperfeiçoar uma didática de material, de empunhadura do pincel, de divisão de pauta”, conta. “Coisas técnicas que precisavam ser feitas para o aluno, primeiro, entrar no clima do aprendizado e, depois, conseguir desenvolver o desenho.”

Outro quesito que também entrou em cena foi a questão do tempo destinado a cada videoaula. “Como aluno, já fiz cursos de aulas que duravam 30 minutos. Era muito difícil prestar atenção enquanto treinava ao mesmo tempo.” Sendo assim, cada uma das seis videoaulas de *O Pintor Letrista* tem em média 10 minutos. Desde o lançamento desse curso no Sesc Digital, em abril, Grimaldi vem recebendo um retorno positivo de alunos de diversas partes do país. Uma interação nova para o professor. “Acho muito positivo esse contato direto com quem fez o curso.”

Se por um lado Grimaldi aprendeu a desenvolver suas aulas para a modalidade de ensino a distância, por outro, o aluno também precisou se adaptar. Do outro lado da tela, é necessário adotar novos hábitos e comportamentos. Primeiro, deve-se escolher um lugar para estudar sem distrações, assim como evitar redes sociais e aplicativos de conversa. É recomendável, também, definir um horário para acessar as aulas. Por fim, deixar o material didático e os exercícios organizados em pastas virtuais.

EXCLUSÃO DIGITAL

A oferta e a realização de cursos a distância esbarram, no Brasil, em problemas quanto ao acesso à internet, que não está ao alcance de todos. Em todos os estados as aulas da Educação Básica foram suspensas para conter o avanço da pandemia do novo coronavírus. Uma decisão que atinge cerca de 47,8 milhões de crianças e jovens, segundo dados do Censo Escolar 2019, produzido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

Anísio Teixeira (Inep). Por isso, o Conselho Nacional de Educação (CNE) listou uma série de atividades não presenciais que podem ser utilizadas pelas redes de ensino durante a pandemia, como videoaulas, plataformas virtuais, redes sociais, programas de televisão ou de rádio.

No entanto, aproximadamente 70 milhões de brasileiros têm acesso precário à internet ou não têm acesso, segundo o mais recente levantamento do Cetic.br – departamento do Comitê Gestor da Internet que monitora a adoção de tecnologias de informação há 15 anos. Somam-se, ainda, 42 milhões que nunca

acessaram a internet.

“Nem todas as crianças do ensino público têm acesso à internet em casa. Alguns estados, como São Paulo, disponibilizaram aplicativos que não têm custo de internet para os alunos”, acrescenta Palange. “Mas, mesmo assim, quase a metade dos alunos ainda não conseguiu acessá-los, por dificuldades diversas, incluindo problemas com aplicativos e internet intermitente.”

Para os professores, também há obstáculos surgidos com a nova rotina. Os profissionais tiveram que pensar e propor soluções em pouco tempo, além de aprender a lidar com recursos de tecnologia e metodologias do

ensino a distância. Ainda entram nessa equação os pais, que estão acompanhando de perto as atividades escolares dos filhos.

“Estou experimentando isso agora com minha filha estudando em casa, longe da escola. Vejo que o ensino a distância precisa de um preparo não só de apresentação da aula ao vivo, mas de um material complementar para você conseguir seguir”, observa Filipe Grimaldi.

O novo cenário exige uma tomada de posição para avaliar a experiência atual e repensar a educação, quer seja presencial, quer seja a distância. “Talvez a discussão deixe de ser se um curso deve ser presencial ou a distância, pois o conceito de presença mudou”, observa Ivete Palange. “Os atores da educação (professor e alunos) podem estar presentes em espaços virtuais agindo e interagindo, não é mesmo?” Ou seja, “o importante é o processo educacional, a possibilidade de acesso às tecnologias, as condições de ensino que se oferecem, para que a pessoa interessada aprenda”, complementa. ■

E A D
SESC DIGITAL

54.600
VISITANTES

10.300
ALUNOS INSCRITOS
nos 4 cursos disponíveis

Fonte: EAD Sesc Digital,
período de 10 de abril
a 15 de maio

5 DICAS PARA FAZER UM CURSO A DISTÂNCIA

1 **ESCOLHA COM CONSCIÊNCIA**

Pense se o curso a distância (graduação, pós-graduação ou livre) é motivador e faz sentido para sua vida pessoal e/ou profissional;

2 **ENCONTRE UM LUGAR**

Um espaço onde seja possível estudar sem barulho ou muitos estímulos, para conseguir se concentrar nas atividades;

3 **EVITE DISTRAÇÕES**

Procure se concentrar nas aulas, dê um tempo nas redes sociais, não receba ou envie mensagens enquanto estiver estudando;

4 **CULTIVE A ORGANIZAÇÃO**

Selecione e organize o material de estudo para não perder tempo;

5 **CRIE UMA ROTINA**

Acesse diariamente o curso e dedique-se ao estudo durante um tempo determinado, de preferência no mesmo horário; assim fica mais fácil criar um hábito.



Aprenda de casa!

VIDEOAULAS GRATUITAS E ACESSÍVEIS LEVAM CONHECIMENTO SOBRE MÚSICA, ARTES VISUAIS, LONGEVIDADE E OUTROS ASSUNTOS AO PÚBLICO

A presença digital do Sesc São Paulo vem sendo construída desde 1996, pautada pela distribuição diária de informações sobre seus programas, projetos e atividades e marcada pela experimentação. Tendo em vista este tempo de distanciamento social devido à pandemia causada pelo novo coronavírus, o Sesc Digital integra o conjunto de iniciativas desenvolvidas pelo Sesc São Paulo para a continuidade de sua missão educativa e para a renovação do relacionamento com seus diversos públicos.

Integra essa ação uma plataforma de educação a distância que, desde seu lançamento, no dia 10 de abril, já recebeu mais de 54 mil visitantes. "Este projeto visa transpor as ações da instituição ao ambiente e à linguagem digitais, expandindo o alcance das suas práticas de ação e difusão sociocultural de forma substancial e diferenciada, fortalecendo seu compromisso com um processo educativo continuado e inclusivo," explica Danilo Santos de Miranda, diretor do Sesc São Paulo.

Confira os cursos disponíveis na plataforma EAD do Sesc Digital:

O PINTOR LETRISTA - LIÇÕES INTRODUTÓRIAS EM PINTURA DE LETRA | Com Filipe Grimaldi

Com nada mais que pincel, esmalte à base de água e cartolinas, o designer e letrista Filipe Grimaldi apresenta os ensinamentos básicos do seu ofício: a pintura de letras. As técnicas e métodos deste curso permitem que qualquer pessoa consiga replicar, em casa, a elaboração de letreiros populares, seja para decorar o ambiente doméstico, para pintar placas e fachadas e até mesmo para oferecer seu serviço como pintor letrista. (6 aulas)

VIOLA CAIPIRA | Com Ivan Vilela

A partir de um método de fácil assimilação, o violeiro e professor Ivan Vilela apresenta técnicas e macetes para tocar viola, passando pelas cinco escalas duetadas e pelos movimentos específicos da mão direita, utilizando elementos e ritmos da música caipira para estimular a prática associada à autonomia do aluno, com improvisos e incentivo à composição. (6 aulas)

NOÇÕES BÁSICAS DE DESENHO E NARRATIVA DE QUADRINHOS | Com Rafael Coutinho

Neste curso, o desenhista e quadrinista Rafael Coutinho apresenta etapas da construção de uma página de história em quadrinhos. Desde a leitura do roteiro, planejamento e concepção de *thumbnails*, desenho de esboços e arte-final dos desenhos até opções de finalização e colorização com diferentes materiais e técnicas manuais e digitais. Durante as aulas, o aluno poderá acompanhar as lições produzindo suas próprias páginas. (6 aulas)

COMO ESTAMOS ENVELHECENDO? | Com Zezé Motta

Com apresentação da atriz Zezé Motta, o curso convida à reflexão sobre a cultura da longevidade e o envelhecimento ativo, desmistificando estereótipos ligados à velhice e apontando-a como uma fase de novas experiências, aprendizados e oportunidades. O curso é desenvolvido a partir de uma abordagem baseada no programa Trabalho Social com Idosos do Sesc São Paulo. (6 aulas)

PRÓXIMOS CURSOS

CICLISMO E LAZER | Com Willian Cruz, cicloativista e editor do portal *Vá de Bike*

CINEMA BRASILEIRO: DO CLÁSSICO AO MODERNO | Com Ismail Xavier, pesquisador, crítico e professor de cinema

Em breve, estes cursos estarão disponíveis na página seccsp.org.br/ead. Para saber mais, siga o Sesc São Paulo nas redes sociais.



Imagens: Divulgação

MAIS OPÇÕES

COURSERA

Organização de tecnologia educacional que realiza parcerias com universidades e instituições de ensino em todo o mundo para oferecer cursos online gratuitos e acessíveis por meio de sua plataforma de ensino. Criada em 2012 pelas universidades norte-americanas de Stanford, Princeton, Michigan e Pennsylvania, a plataforma é parceira de 190 centros de ensino superior e tem 40 milhões de usuários. Os cursos, para qualquer pessoa, possuem três componentes principais: aulas em vídeo, avaliações e interações entre os estudantes, monitores e professores. (Acesse: pt.coursera.org)

UNIVESP

Primeira universidade pública gratuita de educação a distância (EAD) de São Paulo, a Univesp oferece cursos realizados em ambiente virtual. São videoaulas, material didático, bibliografia das disciplinas e tira-dúvidas com tutores. (Acesse: www.youtube.com/user/univesptv)

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)

A Universidade de São Paulo mantém um canal no YouTube com conteúdo diversificado e totalmente gratuito. São mais de 4 mil vídeos para quem deseja acompanhar a produção científica, acadêmica e cultural da instituição. Há mais de 30 disciplinas de graduação e de pós-graduação em praticamente todas as áreas do conhecimento. A USP também mantém o portal e-aulas, em que disponibiliza o conteúdo de mais de 180 disciplinas para o público em geral, além de ter conteúdos disponíveis nas plataformas Coursera, Veduca e Univesp. (Acesse: www.youtube.com/user/usponline e eaulas.usp.br/)



Tarsila do Amaral. *Composição (Figura Só)*, 1930. Comodato MASP Ronaldo Cezar Coelho / Foto: Eduardo Ortega

CASA DAS ROSAS

Ativo em suas redes sociais, o espaço oferece uma oficina online com videoaulas que abrangem temas como mercado editorial, oficina de crônica e poesia e até aula de como ler um poema. Os conteúdos são feitos para o Centro de Apoio ao Escritor (CAE) da Casa das Rosas, cuja proposta é contribuir para a formação de autores e orientá-los nos possíveis caminhos da carreira literária. (Acesse: www.casadasrosas.org.br)

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO (MASP)

Em junho, o Museu de Arte de São Paulo (Masp) lança cinco cursos online inéditos. Entre esses, *Uma história da arte no Brasil – de Tarsila a Bárbara*, realizado pela professora Luiza Interlenghi, doutora em história e crítica da arte pela Escola de Belas Artes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA – UFRJ). O curso apresentará uma introdução à história da arte brasileira a partir de obras da coleção do Masp. Em cinco aulas, serão abordados temas como modernismo, concretismo, neoconcretismo, os impactos da abstração na arte brasileira e as relações entre arte e sociedade nos anos 1990 e 2000. (Acesse: masp.org.br/)

OFICINA CULTURAL OSWALD DE ANDRADE

Nas terças e quintas-feiras de junho, das 18h às 19h30, o *Cineclub Online: Lives sobre Cinema Musical* será mediado pelo pesquisador em teatro musical e dramaturgo Gerson Steves (foto). O objetivo é conversar sobre a linguagem e o roteiro do cinema musical. As produções desenvolvidas entre a década de 1950 e os primeiros anos do século 21 serão analisadas. (Acesse: poiesis.org.br/maiscultura)



Edison Lopes Jr



Divulgação

Levante dos letrados

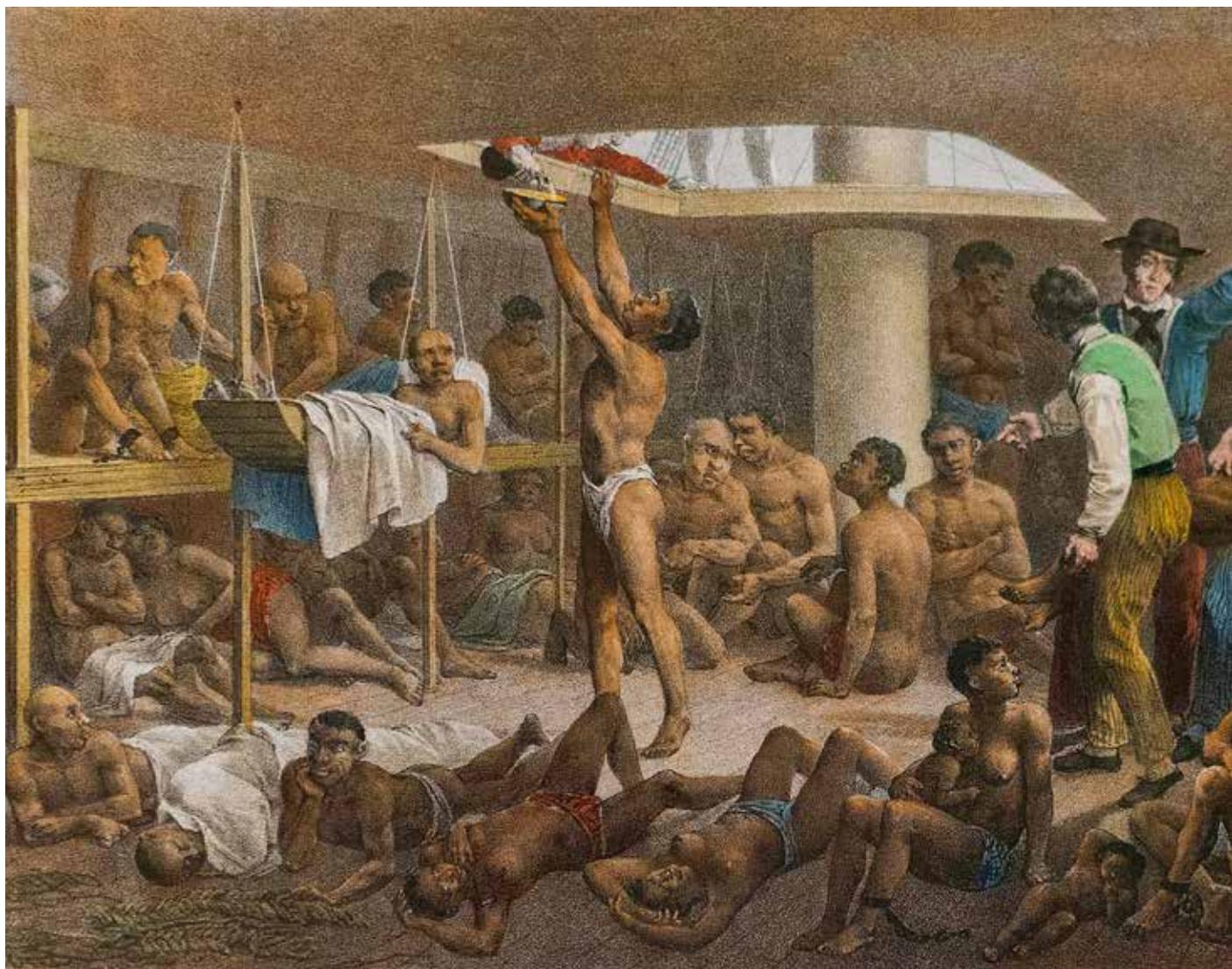
REVOLTA DOS MALÊS, DE LUTA
CONTRA A ESCRAVIDÃO, GUARDA NO
EXERCÍCIO DA LÍNGUA ÁRABE UM DE
SEUS ASPECTOS MAIS NOTÁVEIS

Há 185 anos, a cidade
de Salvador foi cenário
da Revolta dos Malês.

Um capítulo da história do país que marcou o dia 25 de janeiro de 1835 e tem caráter emblemático por ter sido organizado por negros africanos escravizados de origem muçulmana. É daí que surge o termo “malês”. Ele vem do aportuguesamento do vocábulo iorubá *imale*, que significa “muçulmano”.

Aliás, o dia do levante não foi escolhido ao acaso. Correspondia ao fim do Ramadã (mês sagrado muçulmano) e das celebrações à Nossa Senhora da Guia, evento que distrairia os católicos envolvidos nesses festejos, na ocasião.

Cena da série
Revolta dos Malês



Johann Moritz Rugendas

Analizados por historiadores dedicados ao tema, os objetivos dos malês não eram hegemônicos. Havia a luta pelo fim da escravidão dos africanos, mas não existe consenso sobre o questionamento pelo fim do sistema escravista como cerne das relações de trabalho no Brasil. Uma das grandes particularidades do movimento era o fato de os rebelados dominarem a língua árabe, e por isso eram conhecidos como “escravizados letrados”, na definição da professora adjunta do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Priscilla Leal Mello.

Segundo a professora, a rebelião malê tem no exercício da escrita em língua árabe um de seus

aspectos mais notáveis, sobretudo entre as etnias haussá e nagô. Esse adendo vem da confirmação de que outras etnias também aderiram ao movimento. “Em se tratando de nossa história, racista e racializada, esse aspecto do escravizado letrado permite uma revisão importante do lugar do africano na sociedade brasileira”, explica.

Trazendo a régua do tempo para o Brasil Império, a pesquisadora, que em seu doutorado teve como tema o *Islã Negro no Brasil do Século 19: Leitura, Encantamento e Revolução*, questiona quem, naquela época, dominava o ato da escrita. Sua resposta é certa: “Era um império de iletrados. Mas, opondo-se a esse aspecto, temos os malês, que traziam essa experiência de escrita e leitura,



*O Navio Negreiro (Negros no Fundo do Porão / Nègres à fond de calle), de Johann Moritz Rugendas, 1835. Litografia publicada no livro *Voyage Pittoresque dans le Brésil (Viagem Pitoresca Através do Brasil)*.*

porque a região de onde eram traficados, a Costa da Mina, na África Ocidental, era uma região rica em trocas comerciais e próxima de importantes cidades produtoras de conhecimento, como Djene e Timbuctu”. Na diversidade dos indicadores que apontam os envolvidos no levante, entre escravos, libertos, islâmicos e seguidores de outras religiões, somavam-se 600 pessoas.

Ler, orar e planejar

O plano foi colocado à prova na madrugada de 25 de janeiro de 1835. Um dia antes, a polícia havia invadido a casa de Manuel Calafate, um dos locais de encontros e reuniões dos malês. A partir daí, o

Luta pela liberdade

OUTROS EXEMPLOS DE RESISTÊNCIA EM DIFERENTES PERÍODOS HISTÓRICOS

Quilombo dos Palmares

Alagoas, 1597-1704

O sítio da Serra da Barriga, em União dos Palmares, abrigou Zumbi dos Palmares e cerca de 30 mil moradores. O local recebeu escravizados em busca de liberdade durante o período colonial



Zumbi, 1927. Antonio Parratras. Óleo sobre tela | Acervo do Museu Antonio Parratras

Revolta de Carrancas

Minas Gerais, 1833

O levante teve o maior número de escravizados condenados à pena de morte durante o Império (16 no total). Centrou-se nas fazendas da família Junqueira e reuniu os escravizados durante disputas políticas entre restauradores (caramurus) e liberais moderados. Lutando contra a aplicação de castigos e em busca da liberdade, teve como líder Ventura Mina.

Revolta de Manoel Congo

Paty do Alferes, Rio de Janeiro, 1838

Mais de duas centenas de escravizados fugiram das fazendas da região e enfrentaram as forças da Guarda Nacional e tropas do Exército, sem sucesso. Submetidos a violento açoite, voltaram às fazendas onde eram explorados, já o seu líder, Manuel Congo, foi condenado à forca em dezembro de 1839.

Fonte: *Olhares da História Brasil e Mundo* – Claudio e Bruno Vicentino (2016)



Cena da série
Revolta dos Malês

Divulgação

intuito era avisar os demais, que trabalhavam nas casas de cônsules e comerciantes estrangeiros. Ao enfrentar os policiais, os escravos se dirigiram ao quartel da cidade. Encabeçavam o movimento os que trabalhavam com pequenas vendas e artesanatos. O pouco que faturavam garantia a compra da sua alforria e algumas armas, usadas para proteção na rebelião.

A movimentação na cidade era intensa no período, com escravos que viajavam do Recôncavo Baiano – região dos engenhos de açúcar –, para Salvador, a fim de se reunir aos futuros rebeldes. Entre os atos deflagradores da madrugada de luta estavam os maus-tratos e castigos sofridos por figuras representativas, como Alufá Pacífico Licutan e pelo líder Ahuma.

A revolta se espalhou pela cidade e foi duramente reprimida pela Guarda Nacional. Entre os malês morreram aproximadamente 70; na Guarda Nacional, dez soldados. No saldo final, muitos foram presos e outros tantos deportados para a África. Para a população que permaneceu em Salvador, mesmo os não integrantes do levante ficaram submetidos à repressão.

De acordo com o livro *Rebelião Escrava no Brasil – A História do Levante dos Malês em 1835*, de João José Reis (Companhia das Letras, 2003), a revolta acabou com muitos presos e execuções: “A pena de morte foi imposta inicialmente a 16 acusados, mas posteriormente 12 deles conseguiram sua comutação. Quatro foram no final executados por um pelotão de fuzilamento no Campo

da Pólvora, no dia 14 de maio de 1835. E assim se findava um dos episódios mais empolgantes da resistência escrava no Brasil”. Autor do pioneiro estudo, publicado pela primeira vez em 1986, Reis contabiliza que, no período, a população de Salvador era composta por 65.500 habitantes, com 40% de escravos, e 78% dos moradores eram negros.

O quanto se sabe

Apesar da importância, a rebelião é pouco conhecida. Ao enveredar por caminhos que ajudem a analisar os motivos, Priscilla privilegia um que considera oportuno: o do ensino da História. Citando o pioneirismo do livro publicado por João José Reis, a pesquisadora afirma que, embora indispensável, é uma obra sobre a Bahia. E é bom lembrar que a capital do então Vice-Reino do Brasil, em 1763, transferiu-se de Salvador para o Rio de Janeiro.

Com isso, houve também uma mudança no eixo do poder econômico, político e do conhecimento para a perspectiva do Sudeste. “Não há pouco conhecimento sobre a rebelião. O que ocorre é uma hierarquização do conhecimento a ser ensinado. Rever isso implica mudar a produção de conhecimento para um outro ensino de História. É como propor uma reescrita da História para o ensino”, explica.

Um dos diretores da minissérie *Revolta dos Malês* (leia box *Para maratonar*), Belisario Franca relata o interesse que sempre teve em tratar a questão dos malês, por ser uma história conhecida do mundo acadêmico, “mas pouco contada para público em geral, especialmente nas suas versões e possibilidades de interpretações no audiovisual”.

No drama ficcional, a narração se dá tendo uma mulher como protagonista. Na História real é sabido o papel de Luíza Mahin, mãe do poeta e abolicionista Luiz Gama (1830-1882), e de sua casa como um dos pontos de convergência de rebeliões do século 19. Não há registros de que Luíza tenha sofrido repressão durante a Revolta dos Malês, mas seu envolvimento em outros levantes causou a sua deportação. “A história da escravidão no Brasil é repleta de grandes mulheres que acabaram se tornando invisíveis. A personagem da série é uma maneira de representá-las”, complementa Belisario. ■



Alvaro Franca

Para maratonar

SÉRIE EXCLUSIVA PODE SER VISTA GRATUITAMENTE *ON DEMAND*

Disponível em cinco capítulos, a série de ficção *Revolta dos Malês*, dirigida por Belisario Franca e Jeferson De, pode ser vista na plataforma de *streaming on demand* do SescTV. Na dramaturgia, a intersecção entre cinema e teatro se conta na história de Guilhermina (Shirley Cruz), uma mãe que luta para libertar a filha da escravidão. O argumento é inspirado no motim liderado por africanos escravizados de origem muçulmana, em 1835. “Foi um momento de encontro com atrizes e atores afrodescendentes talentosos. Elaboramos uma construção artística que nos levou a um aprofundamento fundamental para nosso ofício. Éramos um grupo empenhado não somente em contar, mas em conhecer nossa própria história”, relembra o cineasta e militante da causa negra no cinema brasileiro, Jeferson De. Assista em www.sescvtv.org.br.

POTÊNCIA EM FLOR

MOSTRA DE ARTE DA JUVENTUDE SEGUE HÁ 30 ANOS

COMO REFERÊNCIA E TERMÔMETRO DE NOVAS GERAÇÕES

A produção e a formação de artistas entre 15 e 30 anos é o foco da *Mostra de Arte da Juventude (MAJ)*, que faz parte do calendário da cidade de Ribeirão Preto desde 1989. A mostra se consolidou como uma relevante ação do Sesc no campo das artes visuais. Sua última edição, realizada entre outubro de 2019 e janeiro de 2020, reuniu obras em suportes variados, como pintura, gravura, escultura, vídeo e performance. A reprodução aqui de alguns desses trabalhos amplia o acesso a uma amostra do que as novas gerações estão pensando e criando.

Quais temas interessam aos jovens? Quais assuntos guiam a motivação e a pesquisa de seus processos criativos? Além de levantar essas reflexões, a MAJ tem aberto espaço para novas possibilidades de fruição e de contato do público com essa nova cena de artistas. “Através do desenho tenho refletido sobre os limites do corpo, o processo cíclico de vida e morte, pensando também em conceitos como a abjeção, o limite entre corpo e não corpo, e o paralelo entre decomposição/composição”, conta Catarina Sabino, uma das artistas selecionadas na última edição da mostra.

FORMAÇÃO PERMANENTE

Desde 2017 a MAJ tornou-se bial. Em sua edição mais recente, os artistas selecionados vivenciaram um roteiro intenso: conversas com curadores, visitas a galerias, centros culturais, institutos e museus, além de uma visita mediada pelo jovem curador Diego Matos a *Entrevendo*, exposição de Cildo Meireles que esteve, de outubro de 2019 a fevereiro de 2020, no Sesc Pompeia. Essa frente do projeto tem como objetivo criar um espaço de troca entre os artistas e também com outros profissionais do campo, como curadores e gestores.

Técnica de programação do Sesc Ribeirão Preto, Elisângela Pimenta evidencia o papel de construção de saberes da *Mostra de Arte da Juventude*, ação que se firmou como um estímulo à produção de artistas jovens e que se insere em uma programação regular de artes visuais, incluindo cursos, oficinas e encontros. “A ideia é uma formação permanente, mesmo entre as edições, com ações ao longo do tempo.” ■

BAIXE NOSSO APP E
VEJA MAIS IMAGENS



Linhas que se cruzam

Produção de artistas jovens destaca memória, questões raciais, sociais e de herança colonial em suportes tão variados quanto a pintura e a performance

Entre outubro de 2019 e janeiro de 2020, o Sesc Ribeirão Preto recebeu a 29ª edição da *Mostra de Arte da Juventude (MAJ)*. Com curadoria de Ana Roman e Marcelo Amorim, foram apresentados os trabalhos de 17 artistas (entre eles, duas duplas) entre 15 e 30 anos de idade, de várias partes do país. Nessa edição, surgiram algumas linhas condutoras nos temas abordados: o corpo, o tempo, o cotidiano, dilemas sociais. Na visão de Marcelo Amorim, “a abordagem política foi a maior convergência, pois se estendeu e ecoou em trabalhos sobre a nossa herança colonial, questões raciais e de classe”. Para Ana Roman, é possível observar, no recorte dessa edição, tanto “artistas que trabalham com a questão da memória e que tratam dessa memória de um jeito bem poético e pessoal” quanto artistas que lançam um olhar sobre o Brasil contemporâneo diretamente.



ILÊ SARTUZI, 1995.
Coluna - Cabeças
(detalhe), 2018-2019.
Látex e ferro.
161 x 23 x 23 cm.





MATHEUS
SOUZA, 1995.
*Quintal I ou Sala
de espera do
Robin*, 2018.
Acrílica sobre
painel, díptico.
100 x 70 cm.



HELOISA F. PAJTAK (ALASKA), 1994.
Ritual (Encontros), 2019.
 Pintura. Carvão, base acrílica
 transparente, tinta acrílica, tinta a óleo
 e páginas de livros variados sobre tela.
 40 x 50 cm.

Eles Não Existem Mais (detalhe), 2018.
 Livro de artista. Carvão, base
 acrílica transparente, tinta acrílica e
 fragmentos de *Orgulho e Preconceito*.
 15 x 10 x 2 cm.



FÁBIO MENINO, 1989.
Táticas de Comércio: Boneco Biruta, 2019.
 Óleo sobre tela. 200 x 150 cm.







VICENTE LIMA, 1997.
Transformer, 2019.
Óleo sobre algodão.
15 x 10 cm.

◀ JULIA PEREIRA, 1991.
Sem Título #96, 2019.
Óleo sobre tela. 70 x 60 cm.



CAROLINA MAROSTICA, 1991.
Aparecimento, 2017.
Resina poliéster, pigmento, tinta
acrílica, tinta spray, papel vegetal,
papel-alumínio, filme PVC, silicone.
120 x 60 cm.



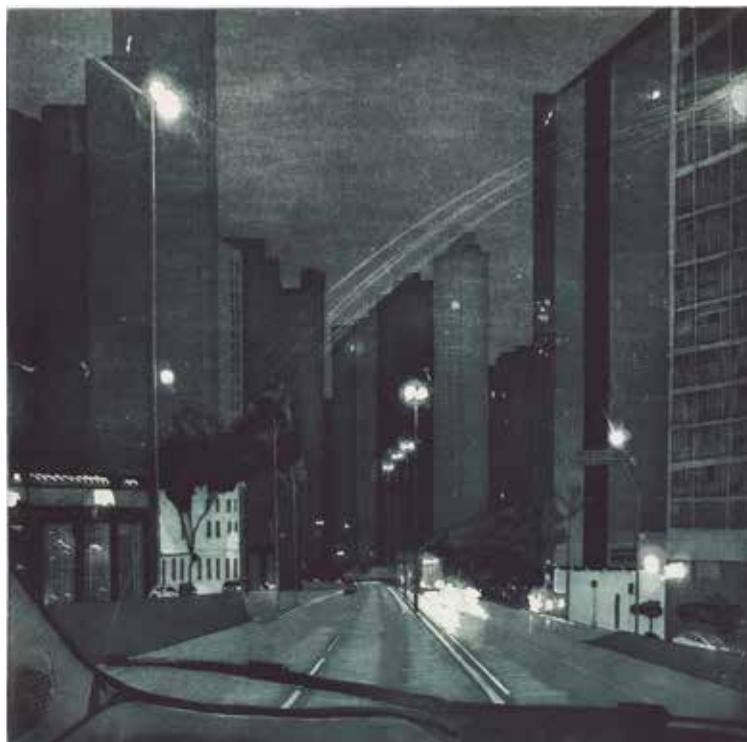
LUCAS NAGANUMA, 1994.

Grade, 2018.

Gravura em metal sobre papel, água-forte, água-tinta, lápis e ponta-seca e raspagem sobre papel. 37 x 40,5 cm.



Rave, 2018.
Gravura em metal sobre papel, água-forte, água-tinta, lápis e ponta-seca e raspagem sobre papel.
37,3 x 43,6 cm.



Noite, 2018.
Gravura em metal sobre papel, água-forte, água-tinta, lápis e ponta-seca e raspagem sobre papel.
37 x 37,1 cm.



TANGERINA BRUNO, 1993.
Água que fura [Série para uma pintura], 2018
Revelação sobre papel fotográfico, impressão
sobre papel e parafuso. 27,5 x 5,4 x 4 cm.

DANIEL HIGA, São Paulo, 1997. ►
Casa, 2019.
Madeira, fronha de travesseiro
e saco de cebola.
170 x 150 x 5 cm.

▼ CATARINA SABINO, 1994.
Pessoas que amam viram montanhas, 2018.
Série: Natureza Morta. Pastel seco sobre papel.
71,5 x 101 cm.







ANA HORTIDES, 1989.

Cor de Pele, 2017.

78 bebês compostos da combinação
de 12 gizes de cera de cores de pele.

6 x 3 x 2 cm (cada).





Violências VELADAS

DERRUBAR ESTIGMAS E
DENUNCIAR ABUSOS SÃO AÇÕES CAPAZES
DE SALVAR A VIDA DA POPULAÇÃO DE IDOSOS NO PAÍS

A casa deveria ser um ambiente de segurança e aconchego. Um local ainda mais especial neste momento de isolamento para a contenção da Covid-19. No entanto, o mesmo lar que protege também invisibiliza a violência contra pessoas idosas. De acordo com o Disque 100, que analisa e encaminha denúncias de violações de direitos humanos, 78% das denúncias de violência contra idosos relatam episódios no ambiente doméstico, sendo que 60% dos suspeitos de cometer diferentes tipos de agressões (física, psicológica entre outras) são filhos(as) ou netos(as). Violências que se reforçam quando essa parcela da população ainda é classificada como grupo de risco. Um triste retrato e resultado do que o ator Lima Duarte, 90 anos, enfatizou em vídeo nas redes sociais em maio: a desvalorização da vida de mulheres e homens mais velhos.

“Idoso não é grupo de risco. A condição de saúde das pessoas idosas pode ser boa, regular e ruim. Essa pandemia tem mostrado para nós, enquanto sociedade, que existe um perfil diferente das pessoas que têm morrido pela Covid-19, um perfil que também é jovem”, explica o doutor em Saúde Pública Alexandre Silva, especializado em Gerontologia pela Unifesp. Mesmo assim, os mais velhos ainda são

tratados com preconceito. “Agora, nesse período de pandemia, vemos piadas dizendo que o idoso é uma pessoa teimosa, que ele não sabe ficar em casa e não quer compreender a magnitude do problema. Nós temos aí um problema de discriminação”, acrescenta.

Mas, o que move esse pensamento que na prática se transforma em agressão? Afinal, a população brasileira, e mundial, está envelhecendo. E a expectativa de vida do brasileiro é, em média, de 76 anos, segundo os últimos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Mesmo assim, o ageísmo ou idadismo (preconceito referente à idade) é reforçado diariamente. Uma questão que, segundo Alexandre Silva, foi construída ao longo da história.

“Se a gente for fazer um resgate histórico da nossa composição ética e cultural como sociedade, há vários grupos que sempre tiveram na sua essência cultural étnica a valorização da pessoa mais velha. Na cultura africana, por exemplo, temos a imagem do Griô. Na indígena também há essa veneração às pessoas mais velhas. Entretanto, com a chegada do capitalismo e a busca frenética por uma mão de obra qualificada e pronta, isso foi realçando a questão do envelhecimento. Isso tudo vai nutrindo não só preconceito, mas atitudes a partir desse preconceito. Esse é o grande perigo”, analisa o especialista.

AÇÃO E REAÇÃO

Existem vários tipos de violência contra os mais velhos. “Gritar, xingar, não lhe dar atenção. A violência psicológica em que você diz que ele ou ela não serve para nada, e até utilizar o cartão de aposentadoria do idoso para si. Todos esses são tipos de violências e muitas delas são silenciosas”, destaca a especialista em Gerontologia Cláudia Fló, coordenadora da Área Técnica da Saúde do Idoso da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo.

Agressões que podem estar acontecendo agora, neste período de isolamento social. “A violência atinge todas as classes sociais, não é só para as pessoas mais humildes. Esses idosos estão isolados com seus agressores. Ou seja, eles não têm nenhum instante em que possam se afastar para dar um telefonema ou avisar um vizinho. Muitos também dispensaram os cuidadores, que, às vezes, eram pessoas que os protegiam”, ressalta.

Há também aqueles que optam por não denunciar. “Muitas vezes os idosos que são violados em seus direitos e em sua integridade física e psicológica dizem: ‘O que eu fiz para merecer isso? Não tenho culpa’. É a falência da família, é a falência da sua atuação como educador se alguém tão próximo comete atos de negligência, de abandono, de maus-tratos físicos, psicológicos. Então, ele tende a negar. Nega para si mesmo, nega para os outros”, disse a psicóloga Anita

Liberalesso Neri na série *Envelhecer*, dirigida por Claudia Erthal e Paulo Markun, exibida pelo SescTV (*leia box* Onde mora a violência).

“Por isso, muitas vezes, esses episódios são subnotificados, são mal relatados em função dessa necessidade de proteger a própria autoestima, a própria integridade. Isso favorece os abusos.”

Se todos nós, um dia, iremos envelhecer, como agir diante dessa realidade? De que forma queremos ser tratados na velhice? E, para os mais velhos, como eles estão se posicionando? “Dentro desse processo, um ponto que a gente deixou de lado foi o de empoderar esse idoso, de que ele tem direitos e formas de cuidar de si mesmo”, complementa Alexandre Silva. “Então, isso passa pela educação. Desenvolver ações que mostrem aos idosos as formas de violência pelos meios mais adequados para transmitir essa informação.

Para que eles possam ter consciência e se empoderar de possibilidades de mudança.” ■

Denuncie

DISQUE 100
Disque Direitos Humanos

DISQUE 190
Polícia Militar

Ligue para o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas) da sua região –
www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/creas

As diversas faces da agressão

SAIBA IDENTIFICAR FORMAS DE VIOLÊNCIA CONTRA A PESSOA IDOSA:

Física: face mais visível da violência, como agressões, beliscões, empurrões e tapas, que podem levar a lesões e até mesmo ao óbito dos idosos.

Psicológica: formas variadas de menosprezo, discriminação, preconceito e humilhação, levando a pessoa idosa à tristeza, ao sofrimento e, conseqüentemente, à depressão.

Abandono: privação do convívio com a família pelo isolamento, da obrigação forçada da pessoa idosa a ir para uma Instituição de Longa Permanência; atos de descaso com as necessidades básicas dos idosos.

Abuso financeiro: expropriação dos recursos e bens das pessoas idosas por meio de intimidação, como a utilização forçada do benefício da aposentadoria sem consentimento dos idosos, por exemplo.

Negligência: descaso proposital da família, dos órgãos públicos ou até mesmo de instituições privadas com o bem-estar dos idosos, caracterizado pela omissão diante de situações de violência, de maus-tratos ou de abandono.

Violência sexual: práticas eróticas impostas às pessoas idosas por meio de aliciamento, violência física ou ameaças.



Dignidade acima de tudo

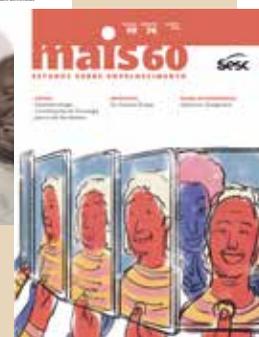
CAMPANHA E OUTRAS INICIATIVAS DIFUNDEM CONHECIMENTO E INFORMAÇÃO PARA COMBATER DIVERSOS TIPOS DE AGRESSÕES

“O dever de todos zelar pela dignidade do idoso, colocando-o a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”, determina o Estatuto do Idoso. No entanto, todos os dias, é preciso lembrar a sociedade desse direito, por meio de notícias, livros, seminários, filmes, séries e outros suportes. O dia 15 de junho é o Dia Mundial de Conscientização da Violência contra a Pessoa Idosa, instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU) e pela Rede Internacional de Prevenção à Violência à Pessoa Idosa.

Com o tema *Onde mora a violência?*, neste ano a Campanha de Conscientização da Violência contra a Pessoa Idosa reforça a importância de olhar para os lares, principalmente no contexto de pandemia, para tornar visível todos os tipos de violência sofridos por homens e mulheres acima dos 60 anos. Com alcance nacional, a campanha será realizada nas plataformas digitais. “Em tempos em que estamos em casa, convivendo em diferentes formações familiares, discutir as várias formas de violência contra os idosos é mais do que urgente, é vital”, explica Gabriel Alarcon Madureira, assistente técnico da Gerência de Estudos e Programas Sociais do Sesc São Paulo.

Além da campanha, outros conteúdos produzidos e exibidos pelas plataformas digitais do Sesc São Paulo levantam reflexões sobre o envelhecimento e a cultura da longevidade.

Confira alguns destaques:



Divulgação

CURSO

Como estamos envelhecendo?

Com base nas diretrizes do programa Trabalho Social com Idosos do Sesc São Paulo e pesquisas sobre o tema, o curso apresentado pela atriz Zezé Motta aproxima e sensibiliza um público interessado na temática do envelhecimento. São seis aulas, acompanhadas por textos de apoio, indicação de filmes, músicas e artigos. (O curso é gratuito e está disponível na plataforma do Sesc Digital de educação a distância – sescsp.org.br/ead)



Divulgação

ARTIGOS

Revista Mais 60 – Estudos sobre envelhecimento

Publicação quadrimestral de artigos e matérias que trazem à luz assuntos relacionados ao envelhecimento, como violência, sexualidade, trabalho, direitos, estimulando reflexões com estudantes, profissionais e interessados na cultura da longevidade. (Leias as edições no portal do Sesc São Paulo: sescsp.org.br/mais60)

Aracy Produções



SÉRIE

Envelhecer

Nessa série de 13 episódios, dirigida por Claudia Erthal e Paulo Markun, o espectador acompanha depoimentos que refletem sobre o envelhecer no século 21. Quais as incertezas, tensões, exclusões, violências, mas também conquistas, alegrias e realizações dessa população. (Disponível na plataforma de streaming on demand do SescTV – sescvtv.org.br)



ALÉM DA SALA DE AULA



ABC



Partindo da autonomia e independência, a educação não formal acontece em instituições ou mesmo fora delas. Seja em movimentos sociais, associações, organizações não governamentais, entidades e em outros espaços da cidade, formas de aprendizado que extrapolam o campo formal vão além das salas da aula. No atual contexto, em que pessoas de todas as idades passam por um período de isolamento social para contenção do novo coronavírus, emergem novas abordagens sobre a importância desse tipo de educação. “Nossa experiência nos faz acreditar que os pares de opostos dentro/fora, educação formal/educação não formal, são apenas dimensões de um processo educativo que se propõe a fomentar o pensamento crítico e produzir ação coletiva que recuse a naturalização das violências e violações de direitos”, afirma o educador social João Carlos Franca, diretor-presidente do Instituto Camará Calunga, espaço que desenvolve projetos e programas no campo da educação, entre outras áreas, com sede em São Vicente (SP). Dessa forma, são muitas as janelas que se abrem para o aprendizado. “O desenvolvimento das novas tecnologias digitais, de informação e comunicação, amplia de modo acentuado as oportunidades educativas criadas por esses diversos agentes bem como o acesso a elas”, observa Helena Singer, vice-presidente para a Juventude da Ashoka América Latina, e autora de *República de Crianças: sobre Experiências Escolares de Resistência* (Mercado das Letras, 2010). Afinal, o que é como se dá essa educação fora da escola? Neste *Em Pauta*, Franca e Singer compartilham experiências na área e nos convidam a repensar conceitos e práticas.



EDUCAÇÃO FORA DA ESCOLA É EDUCAÇÃO DENTRO DE VÁRIOS LUGARES

HELENA SINGER

Estamos tão habituados a reduzir a educação ao que acontece dentro das escolas que normalizamos frases como esta, retirada de relatório de uma organização intergovernamental africana, sobre a educação nos países ao sul do Deserto do Saara: *“Nas duas últimas décadas, tem-se registrado uma grande melhoria no acesso à educação em África Subsaariana, mas muitos países no continente ainda têm muito caminho a percorrer no que diz respeito ao acesso universal ao ensino primário”*.

O problema de frases como esta, que reduzem a educação à escolarização, é desconsiderar todos os outros sujeitos, símbolos, tradições, conhecimentos, dispositivos e recursos presentes nos processos de socialização das novas gerações nos diversos países africanos. Frases semelhantes são comumente usadas na comparação entre a educação nas diferentes regiões ou contextos socioculturais do Brasil, como se algumas regiões ou alguns grupos sociais fossem mais educados do que outros.

A educação é o conjunto dos processos envolvidos na socialização das novas gerações, na sua introdução aos valores, tecnologias, conhecimentos, histórias, tradições, crenças. Trata-se do universo das iniciativas voltadas para propiciar o desenvolvimento das crianças e jovens em suas dimensões física, emocional, ética, estética, técnica, garantindo-se a adaptação ao meio ambiente, social e cultural. É na interação com o meio que as pessoas se desenvolvem, e a educação é o processo intencional de incidir sobre esse desenvolvimento.

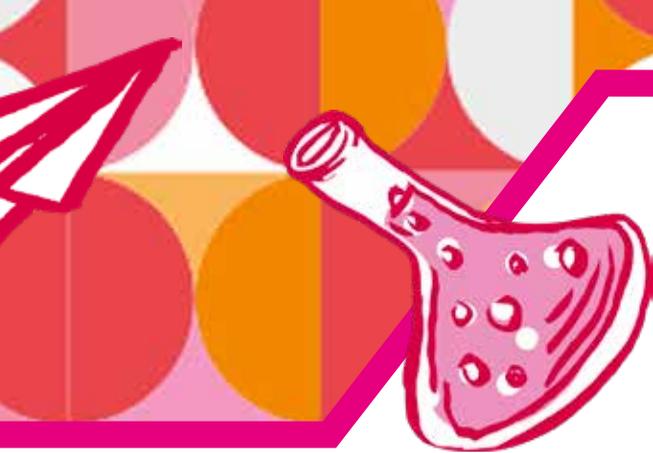
PARA SOMAR

Compreendida dessa forma, vê-se que a escola é um dentre os muitos agentes educativos de uma sociedade. Na tentativa de organizar o discurso sobre esse fenômeno, há quem distinga a educação que acontece nas escolas da que acontece nos outros lugares utilizando os qualitativos de formal, não formal e informal, sendo o formal aquele marcado pelo reconhecimento burocrático das certificações. O não formal fica relegado aos demais agentes da sociedade, dentre os quais destacam-se as ONGs, ou organizações não governamentais, o que dobra o número de negativas no raciocínio. Toda definição negativa carrega uma forte valoração, tratando-se de algo menos relevante ou definível.

Ao recusarmos as definições negativas, enxergamos a potência e multiplicidade da educação que acontece nos muitos lugares sob responsabilidade dos diversos agentes. Além da família, mais facilmente lembrada, reconhecemos a educação que acontece nas associações comunitárias, entidades religiosas, empresas, nos movimentos sociais, sindicatos, partidos políticos, coletivos, além dos equipamentos públicos e privados de outros setores, como a cultura, o meio ambiente, os Direitos Humanos, o esporte, a saúde e a assistência social.

O desenvolvimento das novas tecnologias digitais, de informação e comunicação, amplia de modo acentuado as oportunidades educativas criadas por esses diversos agentes bem como o acesso a elas. São milhões de pessoas envolvidas em processos educativos em diferentes fases da vida.

O Brasil tem uma importante história da educação que alguns chamam popular, outros comunitária. O patrono da educação no país, o mais influente educador brasileiro



A EDUCAÇÃO É O CONJUNTO DOS PROCESSOS ENVOLVIDOS NA SOCIALIZAÇÃO DAS NOVAS GERAÇÕES, NA SUA INTRODUÇÃO AOS VALORES, TECNOLOGIAS, CONHECIMENTOS, HISTÓRIAS, TRADIÇÕES, CRENÇAS

no mundo, Paulo Freire, dedicou sua obra à educação popular. A importância fundamental da educação popular é o reconhecimento e a valorização dos saberes e experiências dos trabalhadores, das comunidades, das pessoas de diferentes origens. Este aspecto contrasta fortemente com a cultura escolar, que prioriza a tal ponto o conhecimento científico, que por vezes chega a negar a experiência prévia dos estudantes e os saberes de suas comunidades.

FOCO NA AÇÃO

Outra característica marcante da educação promovida pelas comunidades, organizações da sociedade civil e equipamentos dos diversos setores é o foco na ação. Ao contrário do que muitos imaginam, a educação que acontece nesses espaços faz uso de metodologias diversas, embasadas em pesquisa e reflexão, reinventadas por educadores comprometidos com o desenvolvimento de seus educandos.

Em geral, predominam metodologias ativas, que valorizam os interesses e as capacidades das crianças e dos adolescentes, possibilitando que desenvolvam projetos do seu interesse e fortalecem suas comunidades. São as famosas metodologias ativas e pedagogia por projeto, que lentamente são introduzidas nos ambientes escolares, embora já sejam presentes há bastante tempo em outros ambientes educativos.

Apesar da sua relevância e qualidade, a educação popular, comunitária, social e especializada – educomunicação, arte-educação, educação para a paz, entre outras – é pouco conhecida, valorizada e, como consequência, são frágeis as políticas públicas que as fomentam e regulam. Não há piso salarial para seus profissionais e os recursos destinados à educação – pela Constituição, estados e municípios devem

investir 25% dos recursos advindos de impostos e transferências na Educação – só são investidos no sistema escolar. Na prática, o ministério e as secretarias são das escolas e universidades, não da Educação.

Importante movimento que se fortaleceu no Brasil nas últimas décadas é o da educação integral, que reconhece a educação presente nos diversos espaços, criada pelos diversos agentes da sociedade e propõe uma articulação entre as escolas e as demais organizações. Esta articulação possibilita, de um lado, uma abordagem integrada do desenvolvimento humano, que parte do indivíduo e não das divisões burocráticas da sociedade. De outro, possibilita a elaboração de projetos educativos locais, formulados pelos diversos sujeitos da educação, em torno de objetivos comuns e visões compartilhadas.

A educação integral apresenta-se, assim, como uma perspectiva que supera a visão reducionista à escolarização e uma plataforma para o debate e a elaboração de propostas para políticas públicas que efetivamente valorizem e integrem os diversos agentes educativos do país. ■

HELENA SINGER é vice-presidente para a Juventude da Ashoka América Latina, membro do Conselho Municipal de Educação de São Paulo, e do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP). É autora de *República de Crianças: sobre Experiências Escolares de Resistência* (Mercado das Letras, 2010), entre outros livros e artigos publicados no Brasil e no exterior na área de Sociologia, com ênfase em Direitos Humanos, democracia, educação e juventude.



AS FORMAS E OS SENTIDOS DA EDUCAÇÃO

JOÃO CARLOS FRANCA

As organizações sociais que desenvolvem ações e projetos com crianças e jovens em seus territórios, em complemento aos estudos teóricos que acontecem dentro da escola são reconhecidas como coletivos organizados para produzir atividades educativas e culturais fora da escola, sem o rigor e as exigências próprias ao trabalho de apropriação e produção de conhecimento.

Nossa experiência nos faz acreditar que os pares de opostos dentro/fora, educação formal/educação não formal, são apenas dimensões de um processo educativo que se propõe a fomentar pensamento crítico e produzir ação coletiva que recuse a naturalização das violências e violações de direitos. Assim, educadores sociais e comunitários, artistas e produtores culturais se organizam em grupos e coletivos e convidam crianças e jovens a participarem de encontros de convivência, a partir dos quais novos projetos vão se desenhando e ganhando forma.

Assembleias comunitárias, expedições históricas e culturais, rodas de conversa, produções artísticas e viagens de formação constituem uma espécie de currículo em que os temas gerados nos encontros se tornam pautas de reflexão, estudos e pesquisas, deliberação sobre os rumos das ações no território e análise daquela experiência. Para o educador Jorge Larrosa Bondía, experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. Isso nos leva a considerar a função do vínculo educador-participante como condição para a implicação dos sujeitos no processo educativo.

Portanto, o fundamento ético da chamada educação não formal é a convivência com as crianças e jovens em seus territórios, os vínculos que se constroem e que se fortalecem e as experiências que poderão daí decorrer. Isso contribuirá com os processos da educação formal ao criar disposições objetivas e subjetivas para o surgimento do pensamento crítico, do interesse pela pesquisa e estudo da história que a história não conta e das ciências, tão relevantes nos tempos que vivemos.

EM TEMPOS DE PANDEMIA

O isolamento social decorrente da pandemia da Covid-19 trouxe importantes desafios para a sustentação dos laços sociais sem os corpos em presença. Como instaurar uma assembleia comunitária à distância? Como tornar tão interessante um grupo de estudos virtual, de tal forma que os participantes queiram frequentar mesmo sem o calor da presença dos amigos? O que fazer com as conversas paralelas, razão de ser das salas de aula, para os estudantes, e motivo de desespero dos professores?

A esses desafios, os mais jovens respondem com suas incríveis habilidades de manejo das tecnologias, enquanto educadores e gestores se ocupam de enfrentar as enormes dificuldades de acesso aos equipamentos e pacotes de dados móveis. Duplo desafio, criar disposições internas e enfrentar as desigualdades econômicas e de classe social.

Nos encontros virtuais, as perguntas sobre COMO fazer experiências em meio ao isolamento social, vão dando lugar a POR QUE produzir tais experiências. O que o coronavírus escancarou sobre as profundas desigualdades que se naturalizaram nos territórios vulnerabilizados, sob o manto do fatalismo e do determinismo, gerando aceitação e resignação da sociedade e omissão e negligência das políticas públicas?



O FUNDAMENTO ÉTICO DA CHAMADA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL É A CONVIVÊNCIA COM AS CRIANÇAS E JOVENS EM SEUS TERRITÓRIOS, OS VÍNCULOS QUE SE CONSTROEM E QUE SE FORTALECEM E AS EXPERIÊNCIAS QUE PODERÃO DAÍ DECORRER

Outro desafio que decorre do anterior é a urgência em desconstruir o pensamento mágico e determinista que tem se consolidado nesses territórios e trabalhar com afinco para fomentar o pensamento crítico e a compreensão dos processos históricos que organizam a sociedade. E as crianças, o que têm a ver com isso?

A professora e pesquisadora Lúcia Rabello de Castro, em seus estudos e pesquisas sobre a participação das crianças nos espaços de decisão sobre os rumos da cidade, propõe que crianças e jovens sejam reconhecidos como sujeitos políticos, que constroem cultura e história e devem ter espaços próprios de convivência e organização para a ação coletiva.

A divulgação diária nos meios de comunicação de estudos e pesquisas científicas em todo o mundo para a descoberta de vacinas, remédios e testes eficazes para combater o coronavírus pode ser um instigador para colocar em pauta a relevância e o sentido do estudo e da própria escola como o lugar de descoberta de novos mundos e de outras relações humanas possíveis. Lugar perdido por força da precarização e sucateamento das escolas públicas.

Segundo Castro, a experiência de escolarização precisa ser ressignificada de forma que cada criança possa dar sentido pessoal a por que e a para que ir para a escola. Em tempos de isolamento social, os educadores sociais devem assumir o compromisso de ajudar as crianças a darem um sentido positivo à experiência escolar hoje, apoiados no vínculo e no reconhecimento de que são portadores de direitos e produtores de experiência.

NOVOS FRUTOS

NADA SERÁ COMO ANTES, AMANHÃ! A canção de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos, de 1972, já nos alertava para o risco de tudo voltar a ser como antes, depois que a crise passar. Não vai passar,

dizem as crianças e os jovens quando refletimos sobre suas vidas e de suas famílias.

Os efeitos da pandemia são e serão graves e duradouros e exigirão organização das crianças e dos jovens em coletivos para fortalecer a luta por seus direitos, para que as violências e violações de direitos acabem. Esse é o compromisso e a tarefa imprescindíveis que devem ser assumidos por educadores, dentro e fora da escola.

Trabalhar e lutar para que um novo tempo surja desta crise, talvez o tempo da delicadeza. Para concluir, deixo ao leitor e à leitora, três propostas deliberadas nas assembleias virtuais para o novo tempo que virá:

1. Organizar expedições culturais à Bienal de São Paulo, ao Museu de Ciências Catavento, ao Planetário e ao Museu Afro-Brasil;
2. Organizar um baile de máscaras;
3. Realizar uma viagem de formação e intercâmbio à Casa-Memória de Valparaíso, no Chile. A Casa-Memória é um espaço permanente de expressões artísticas e diálogos de Direitos Humanos.

Sonhos, desejos e projetos para os dias que virão. ■

JOÃO CARLOS FRANCA é educador social, diretor-presidente do Instituto Camará Calunga (São Vicente, SP), que atua com o propósito de promover e defender os direitos humanos, especialmente de crianças e adolescentes, nos diversos lugares e territórios em que vivem. O instituto produz experiências referenciais de cuidado, formação crítica, pesquisa e intervenção, que incidem na formulação de políticas públicas de infância e juventude.



Criação sem barreiras

AO APOSTAR NA
SINERGIA ENTRE
TEATRO, CINEMA
E ESPECTADOR,
O ATOR E DIRETOR
ARTÍSTICO DO
ESTÚDIO
LUSCO-FUSCO
ACREDITA NA
REINVENÇÃO



*Ilhada em Mim – Sylvia Plath,
na foto, Djin Sganzerla e
André Guerreiro Lopes*

O teatro foi um dos primeiros espaços a fechar e pode ser um dos últimos a abrir neste cenário de pandemia. No entanto, o ator e diretor de teatro e de cinema André Guerreiro Lopes acredita na sobrevivência desta expressão artística que já superou outros momentos de crise na história (leia *Entrevista* com o escritor Geraldo Carneiro). “Há inúmeras respostas da classe artística nesse momento que, para mim, são de solidariedade. Levar a arte até a casa das pessoas, teatro ao vivo, virtualmente, artistas gravando poemas, trechos de espetáculos sendo compartilhados”, observa. Sua paixão pelo teatro, desde a juventude, somou-se a outras linguagens como o cinema e as artes visuais. Cobrado socialmente para escolher entre uma dessas linguagens, o ator e diretor enfrentou momentos de angústia até compreender que integrar todas elas era seu caminho. Diretor artístico da Cia. Estúdio Lusco-Fusco – ao lado da atriz e esposa Djin Sganzerla –, ex-integrante dos grupos CPT, de Antunes Filho, e Cia. do Latão, André foi assistente de direção do diretor Bob Wilson nos espetáculos *Garrincha* e *A Dama do Mar*. No ano passado, esteve em cartaz com os espetáculos *As Três Irmãs* e *Insônia – Titus Macbeth*, este último encenado no Sesc Avenida Paulista, e exibiu o documentário *Siron. Tempo sobre Tela* na 43ª Mostra Internacional de Cinema, longa-metragem sobre o artista Siron Franco, dirigido em parceria com Rodrigo Campos. Neste *Encontro*, ele fala sobre a sinergia das artes, o atual momento do teatro e expectativas do que está por vir.



**ANDRÉ
GUERREIRO
LOPES** esteve
presente na reunião
virtual do Conselho
Editorial da *Revista E*
no dia 22 de abril
de 2020.

MEU TRABALHO

Tendo a gostar de um teatro estilizado, com muito envolvimento físico, um teatro corpóreo, que abra possibilidades e transforme o ato de estar em cena como algo único. Tendo, como diretor, a fugir do realismo. Não costumo começar com um trabalho de mesa prolongado, que acaba intelectualizando as propostas e ideias para, então, partir para algo que se planejou na mesa. Para mim é o contrário: começo na ação. Nas minhas produções, o início é aparentemente caótico e o final é, geralmente, muito estruturado. Gosto também das surpresas que acontecem na sala de ensaio e do que cada ator me traz do seu imaginário. A minha forma de dirigir e de criar uma dramaturgia cênica é muito mais próxima da montagem no cinema.

TEATRO E CINEMA

A ideia do cinema de que, uma vez feita a construção, ela segue viva, porém fechada nela mesma para toda a eternidade, é muito interessante. Mas o cinema não é algo fixo. A cada sessão do meu último filme, um documentário com o Siron Franco [Siron. Tempo sobre Tela, 2019], grande pintor brasileiro, vejo um novo longa. Depende do momento em que ele está sendo visto, dos espectadores, do que está acontecendo no país. Cada uma dessas mídias (teatro e cinema) tem suas particularidades, e o que eu sempre tentei fazer foi conhecer profundamente essas linguagens e técnicas. Agora, na hora de criar, não vejo diferenciação. Hoje está tudo completamente interligado. Não foi fácil chegar a isso. Na juventude era uma angústia a sensação de multi-interesse.

O PAPEL DO ESPECTADOR

Me interessa a ideia de ter o público como cocriador. O último espetáculo, *Insônia – Titus Macbeth*, em agosto de 2019, nasceu de uma profunda inquietação com os caminhos e descaminhos do Brasil. Era um desejo de falar sobre violência. Fundimos duas tragédias de Shakespeare: *Macbeth* e *Tito Andrônico*. A ideia de imersão do espectador dentro de um universo único que só o teatro pode proporcionar conduziu o trabalho numa experiência no Sesc Avenida Paulista. O público ficava imerso dentro da área cênica, junto dos atores.

ANTUNES + WILSON

São dois criadores importantíssimos com trabalhos muito diferentes. Minha experiência com os dois também foi muito diferente. Talvez o que os dois têm, claro, é uma

obsessão pelo trabalho. Antunes dizia: “Se eu parar, no dia seguinte, vocês vão me encontrar na rua, morto”. A maravilha da obsessão do Antunes era essa ideia de que o ator nunca estava pronto. Cada conquista era só uma janela que se abria para novas conquistas. Ele ia cada vez cavando mais fundo e tinha uma paixão total pelo processo do ator. A ideia de como ele se relacionava com a filosofia oriental, e a colocava no trabalho, me influenciou profundamente. O Bob Wilson faz um trabalho muito diferente. Ele impõe o seu estilo e poética a tudo e a todos. Ele esculpe o trabalho dos atores minuciosamente e depois o ator de alguma forma fica íntimo desse trabalho e o torna seu.

AS TRÊS IRMÃS

Eu queria muito trabalhar com o universo feminino e tinha três atrizes que precisavam estar nesse processo: Djin Sganzerla, Helena Ignez e Michele Matalon. Queria discutir o tempo e a ideia das três irmãs dançando à beira do abismo. Elas não conseguem viver o presente e estão agarradas ao passado ou sonhando com o futuro. O Brasil estava num momento de profundas transições, então achei pertinente. É indissociável essa associação do Tchekov [dramaturgo russo, autor de *As Três Irmãs*, de 1900] com uma entrevista que fiz com o Zé Celso, quando eu era estudante de teatro, com uma câmera VHS C. Porque *As Três Irmãs* também foi uma experiência radical para o Teatro Oficina. Eu tinha esse material, nunca exibido, e queria repensar isso cenicamente. O espetáculo foi muito bem recebido, estreou em 2017 no Anchieta (Sesc Consolação). Quero apresentá-lo após a quarentena. Essa ideia de três mulheres isoladas, num confinamento, numa prisão mental.

TEATRO PÓS-PANDEMIA

Há inúmeras respostas da classe artística nesse momento que, para mim, são de solidariedade. Levar a arte até a casa das pessoas, teatro ao vivo, virtualmente, artistas gravando poemas, trechos de espetáculos sendo





André Guerreiro Lopes, com Djin Sganzerla e Eduardo Mossri,
no espetáculo *O Livro da Grande Desordem e da Infinita Coerência*

compartilhados. Mas no teatro é essencial o encontro, estarmos num mesmo espaço, ainda que isso seja adaptado. O teatro foi uma das primeiras artes a fechar e será uma das últimas a abrir. Mas o teatro sobrevive sempre e sobreviverá, e nesse sentido eu sou muito otimista. A arte é fundamental e num momento como esse mais ainda. Vamos alimentar nosso imaginário.

DAQUI PARA A FRENTE

Acabei de participar da fotografia e da montagem de um filme que a Helena Ignez dirigiu para o Instituto Moreira Salles, mas não estou, pessoalmente, num momento de criação. Estou muito

A ARTE TEM
NOS AJUDADO
A NOS CENTRAR
E A SERMOS
PROPOSITIVOS
COM AMOR,
POESIA E
SOLIDARIEDADE

mais num momento de recolhimento e de gestação em todos os sentidos. Uma ideia de novo mundo que está sendo gestado e como a gente vai sair disso. A arte tem nos ajudado a nos centrar e sermos propositivos com amor, poesia e solidariedade. Acho que a gente vai viver algo artisticamente forte depois de tudo isso. Estamos gestando obras incríveis neste isolamento, estando conscientes ou não. ■



Assista ao
vídeo deste
Encontro.

MUNDO PÓS-PANDEMIA

HISTORIADOR E ESCRITOR FRANCÊS FAZ UMA
ANÁLISE DE COMO O NOVO CORONAVÍRUS PODE
MUDAR OS RUMOS DA HUMANIDADE

Cientistas, pesquisadores, físicos, historiadores e poetas. Esses e outros especialistas, cada qual em sua área de conhecimento, buscam entender o que está acontecendo com a humanidade e a natureza neste cenário de contenção ocasionado pelo novo coronavírus e consequente necessidade de isolamento social das populações. Afinal, isso vai intensificar as relações por meio da internet? Vai mudar a forma como diferentes culturas pensam, trabalham e interagem? Sem arriscar palpites, o historiador francês Roger Chartier, pesquisador da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais e professor do Collège de France, ambos em Paris, levanta reflexões. Em entrevista ao Centro de Pesquisa e Formação do Sesc (CPF), o autor de *A História ou a Leitura do Tempo* (Autêntica, 2009), entre outras obras, falou sobre a tentação de comparar a atual pandemia com outras que marcaram a história mundial. Chartier também destaca uma intensificação da comunicação digital e as ações a assumir agora para as atuais e futuras gerações.



UM NOVO CAPÍTULO

A tentação dos historiadores consiste sempre em comparar os eventos contemporâneos com eventos análogos do passado. Por exemplo, hoje, comparar a Covid-19 com a grande peste de 1347 a 1349, ou com a gripe espanhola de 1918 a 1919. Se é verdade que se podem encontrar comportamentos semelhantes em cada evento (como em *Decameron* de Boccaccio), o risco das comparações é fazer esquecer a profunda, e espantosa, originalidade da pandemia que sofremos. Universal porque se localiza nas dependências múltiplas que caracterizam o mundo globalizado. Nesse sentido, é a primeira verdadeira unificação viral do mundo. As consequências são paradoxais. Por um lado, em todo o mundo, encontram-se as mesmas incertezas perante a pandemia. As mesmas medidas para limitar seus efeitos mortíferos, as mesmas transformações dos comportamentos. A humanidade inteira pratica o isolamento, respeita (mais ou menos) as mesmas proibições, inventa uma sociedade sem contatos nem sorrisos, ocultados pelas máscaras. Por outro lado, essa universalização não apaga as desigualdades. Desigualdades em cada sociedade diante do risco de morte ou das condições do confinamento.

OUTRAS TROCAS E DIÁLOGOS

As possibilidades oferecidas pelo mundo digital são o diferencial entre as epidemias do passado e a Covid-19. Devemos imaginar como seria nosso presente sem a comunicação digital que assegura a presença na ausência. Permite a continuação da administração pública, de algumas atividades econômicas, do ensino, dos intercâmbios individuais. Skype, Zoom, WhatsApp e muitas outras plataformas de transmissão eletrônica são os instrumentos que evitam a paralisia total das sociedades ou o desespero dos indivíduos. Aumentam

em proporções consideráveis as reuniões virtuais, as classes online, o *e-commerce*, as leituras sem livros, os abraços sem braços e os beijos sem lábios. Então, uma pergunta fundamental: o tempo excepcional da pandemia será o tempo normal do futuro?

COLETIVIDADE E INTIMIDADE NO DIGITAL

O perigo será grande se as práticas digitais que compensam a impossibilidade de manter as formas presenciais se tornarem normais e obrigatórias da vida coletiva ou íntima. As telas, grandes ou pequenas, trazem tanto satisfação quanto frustração. Cada um pode perceber a infinita tristeza do ensino sem aula, das cidades sem livrarias, das relações sem corpos.

A “intensificação do mundo digital” nunca deve conduzir a pensar que seus magníficos recursos são equivalentes das experiências permitidas pela dramaturgia do cotidiano, os encontros, as alegrias ou as tristezas vividas na proximidade dos outros. Nenhuma tela pode substituir a emoção produzida pelo espetáculo vivo, sobre o palco, no circo ou na rua.

COMO SERÁ O AMANHÃ

A questão nos atormenta, talvez porque a resposta seja impossível. Ninguém pode ser profeta. Não só porque nem a história nem as ciências sociais podem prever o futuro, mas também porque esse futuro não está escrito. Depende das decisões dos governos, das escolhas das instituições, dos compromissos e das ações dos cidadãos. A situação atual é profundamente contraditória.

Mostra as fragilidades da economia globalizada, as ameaças contra a vida democrática, o aumento das desigualdades sociais, a proliferação das falsificações. Mostra, também, que as sociedades podem conjurar os perigos se seus cidadãos defendem os valores democráticos, impõem limites ao mercado selvagem e exercem sua exigência de verdade. O pior é possível, mas não é inelutável. Tenho consciência de que minha resposta não é um diagnóstico baseado em conhecimentos certos. Expressa o desejo de uma sociedade mais justa, capaz de rechaçar as aspirações despóticas, e tem confiança na verdade e na razão. Como será o mundo pós-pandemia? Não sei. Mas podemos sonhar e agir juntos para que seja menos cruel. ■

COMO SERÁ
O MUNDO
PÓS-PANDEMIA?
NÃO SEI. MAS
PODEMOS
SONHAR E
AGIR JUNTOS
PARA QUE SEJA
MENOS CRUEL

O brilho das janelas de computador

*Em homenagem à memória de meu médico
José Raimundo Nonato Magalhães Avelar,
um dos milhares de vítimas da Covid-19*

Um lençol cheio de estrelas me cobre por inteiro. “Eu não estou aqui, isso não está acontecendo”. Essa sensação é familiar.

Jovem, fones de ouvido, andando pelas ruas sozinho. Repetia isso mentalmente, traduzindo o refrão de uma música do Radiohead, enquanto observava as pessoas me perdendo por lugares que não conhecia.

Me escondo de minha filha em uma de suas brincadeiras prediletas. Estamos há dias sem sair de casa, em quarentena, vendo uma epidemia crescer como um inimigo invisível, como estar em uma praia esperando o tsunami. Estou encolhido, escondido embaixo do lençol de estrelas impressas. Por instantes respiro fundo e repito mentalmente.

“Eu não estou aqui, isso não está acontecendo.”

A estreia é amanhã no palco do Anchieta, Sesc Consolação. Sempre quis estar nesse palco, mas menos de um dia antes da abertura do espetáculo, que é estruturado totalmente na tecnologia, o ensaio é uma catástrofe. Temos quatro países conectados para fazer o espetáculo simultâneo em quatro palcos do mundo. Telas, áudios corrompidos, mensagens no celular, *delay* de informações. Não conseguimos estabelecer a conexão, problemas em todos os países. Estamos entregues aos limites da virtualidade.

Minha filha beija os avós no celular. Está fixada na tela ou sabe que são eles? Ela quer agarrar o celular e acaba sempre por desligar a chamada. Minha mãe já é péssima no celular, a conversa é inviável. Ela quer me encontrar. Tenho receio.



Me escondo da minha mãe atrás da porta. É hora de ir para escola, mas eu não quero ir. Acabo dormindo escondido. Acordo no meio da tarde desorientado, não sei onde estou, que horas são, a sensação é estranha.

Os dias se confundem em quarentena. Aproveito que minha mãe está passando a quarentena fora de São Paulo e visito sua casa com quintal para minha filha brincar um pouco ao ar livre. A casa abandonada, desde a morte de meu pai a casa mudou de aspecto, sem aquela energia vibrante. Levo minha filha ao meu antigo quarto de criança, hoje cheio de quadros e arquivos. Minha filha não conheceu meu pai, eu o apresento pelos seus quadros.

“Vovô”, diz minha filha em seu quarto quando acorda, apontando para o quadro de flor acima de sua cabeça. Ela já está há mais de um mês falando apenas virtualmente com seus avós, já chama de vovô ou vovó, mudando a entonação e até pedindo um ou outro no telefone. Está aprendendo a falar. Podemos acompanhar a passagem do tempo de perto.

Os relógios de quatro países se acertam no grande telão do Sesc Consolação. Vai começar *Babylon Beyond Borders*, quatro plateias simultâneas em quatro cidades do mundo, quatro fusos horários, nossos celulares em fúria, um rádio comunicador para o técnico de palco avisar os atores do que está acontecendo. Temos um atraso para começar e a plateia acompanha os relógios projetados por mais tempo que o previsto.

Quando vamos sair? Descemos para uma laje do prédio quando não tem ninguém para nossa filha ao

menos correr um pouco ao ar livre. Impossível conter a mão e a boca de uma criança, impossível privá-la por completo do ar livre. Vemos sua felicidade ao correr pelo quadrado de cimento, imediatamente um nó na garganta. A sensação de estarmos presos aumenta.

Sigo ouvindo o disco do Radiohead. *How to Disappear Completely*, e na minha confusão adolescente começo a ter ataques de pânico sozinho. Minha cabeça ferve, falta o ar, não consigo andar em linha reta. Pergunto ao médico “Vou melhorar?”.

Tento acalmar minha equipe. Temos vídeos com vinhetas para cobrir a falta de conexão. Começa a peça, as quatro imagens de quatro países se fundem na tela. A conexão da tecnologia é mágica.

Resolvo apresentar meu pai para minha filha pelo celular. Se ela já reconhece os quadros do avô pode agora reconhecer sua imagem. Mostro vídeos de entrevistas, um vídeo dele dançando, o YouTube me oferece imagens de seu funeral. Posso pela primeira vez ver uma imagem minha andando ao lado de seu caixão, transmitida pela TV, disponível na internet.

Memes, imagens de outros países, bailarinos dançando no enterro, covas anônimas em cemitérios por todo o mundo. Eu não acharia mal ter uma despedida dançante. No enterro do meu pai colocamos músicas que ele gostava. No link da internet está essa informação. Pulo para outra entrevista, quero apresentar o avô para minha filha, não notícias da sua morte.

Não podemos ter um ataque coletivo de pânico. Medo terrível de mortos sem funeral. Nascimento sem a



presença do pai, família acompanhando online. Meu amigo celebra seu pai virando avô pela internet.

Um bom vídeo do meu pai. Ele define a vida como uma “jornada”, mais rápida do que ele esperava. Parece uma mensagem póstuma. Eu lembro que chorei a primeira vez que vi essa entrevista e mandei mensagem pra ele dizendo como tinha orgulho dele. Minha filha diz “vovô” enquanto ele fala. Pega o celular e dá dois beijinhos. Muita tristeza e muita alegria misturada. Olho para minha mulher chorando, choro também, uma onda forte de sensações. Ela conheceu o avô pelo celular. Ela ama o avô virtual. A vida parece uma série, um filme.

Acaba a peça e foi incrível. Conseguimos o que parecia impossível. Mas não podemos encontrar nossos parceiros nessa jornada insana. Eles estão em outras cidades do mundo, trocamos mensagens pelo celular, mandamos beijos a distância. Estranho fazer uma peça e não encontrar a equipe, poder abraçar todos.

Sigo brincando de esconde-esconde com minha filha. Fazemos uma “cabaninha” com o lençol de estrelas e

ficamos ali embaixo, olhando as estrelinhas. Não é o mesmo céu de estrelas que quando ouvia música em meus fones na minha adolescência me fez entrar em pânico. O céu que me dava a dimensão do nosso minúsculo tamanho e me assustava, deixava impotente, insignificante. É um céu de estrelas que podemos pegar com as mãos. Minha filha aprendeu a amar as estrelas olhando para a tela da TV, cantando “brilha, brilha, estrelinha”. Pela janela, agora com o ar mais limpo da cidade, posso às vezes apontar uma estrela de verdade, aquela que nos deixa minúsculos, e dizer para minha filha “olha, a estrelinha”. ■

PEDRO GRANATO é ator, diretor, professor de teatro e dramaturgo.

Autor e diretor das peças *Fortes Batidas* – que ganhou o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) de Melhor Espetáculo em Espaço Não Convencional e o Prêmio Especial pela Experimentação de Linguagem no Prêmio São Paulo –, *11 Selvagens*, entre outras. Também dirigiu *Babilônia: Sem Fronteiras*, projeto teatral multimídia e internacional que esteve em cartaz no Sesc Consolação, em fevereiro de 2019.



PARA LER

do seu jeito

Teatro, história, arquitetura, artes e publicações de outros temas na Loja Sesc! Acesse sescsp.org/loja e acompanhe os descontos e ações de frete grátis.



sescsp.org.br/loja



COMO COMPRAR INGRESSOS PARA AS ATIVIDADES DO SESC?

Para os espetáculos que ocorrem nas unidades* do Sesc no Interior, consulte as informações sobre a venda de ingressos na descrição do espetáculo de interesse, no Portal Sesc SP.

Para os espetáculos que ocorrem nas unidades* da capital, Grande São Paulo e litoral, os ingressos ficam disponíveis para venda semanalmente, sempre em dois lotes:

No Portal Sesc SP: às terças-feiras, a partir das 12h, em diferentes horários.

Presencial: às quartas-feiras**, a partir das 17h30, nas bilheterias das unidades do Sesc.

Serão disponibilizados os ingressos para atividades que acontecem na semana seguinte, compreendida entre segunda-feira e domingo. Para temporadas de espetáculos, serão consideradas as datas de estreia para início das vendas de toda a temporada.

* Apenas uma porcentagem dos ingressos será destinada à venda online.
** Em caso de feriado, as vendas terão início no dia útil posterior.

Consulte a limitação de venda de ingressos por pessoa/CPF na descrição do espetáculo de interesse, no **Portal Sesc SP**.

operadora ou banco emissor e da data de fechamento/vencimento da fatura do cartão de crédito. Não haverá devolução em dinheiro.

O ingresso comprado nas bilheterias das unidades do Sesc SP não será devolvido ou trocado para outro horário, dia ou espetáculo.

CANCELAMENTO DO ESPETÁCULO PELO SESC SÃO PAULO

Em caso de cancelamento do espetáculo por parte do Sesc São Paulo, os valores dos ingressos adquiridos, tanto no **Portal Sesc SP** quanto nas bilheterias das unidades, serão devolvidos integralmente.

O valor do ingresso online, não retirado nas bilheterias, será estornado no cartão de crédito utilizado na compra. A solicitação desse estorno será feita automaticamente pelo Sesc às operadoras de cartão de crédito/banco emissor. O crédito do valor estornado poderá ocorrer na fatura seguinte ou subsequente, pois dependerá dos procedimentos de cada operadora ou banco emissor e da data de fechamento/vencimento da fatura do cartão de crédito.

O valor dos ingressos comprados nas bilheterias e dos ingressos comprados online e já retirados serão devolvidos em dinheiro. Para tanto, apresente o ingresso em até 30 dias, a contar da data de divulgação do cancelamento do espetáculo, em qualquer bilheteria das unidades do Sesc SP.

CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA

Consulte sempre a classificação indicativa das atividades em seu descritivo no **Portal Sesc SP**.

Nas apresentações proibidas para menores de 18 anos, não será permitida a entrada de menores de 18 anos, mesmo que acompanhado de pais ou responsáveis.

IMPORTANTE

- O Sesc não opera com reserva de ingressos.
- Excepcionalmente, a venda e distribuição de ingressos para determinados espetáculos poderá iniciar em dias e horários diferentes do estabelecido. Nesses casos, estas informações estarão sempre antecipadas na área de programação dos espetáculos.
- Não é permitida a entrada após o início do espetáculo, não havendo devolução do valor pago ou troca para outro dia, horário ou espetáculo.
- Fotos, filmagens ou gravações serão permitidas somente com autorização prévia.
- Lembre-se de desligar aparelhos sonoros, tais como telefones celulares, tablets e outros.
- Cuide bem do seu ingresso. Em caso de perda ou dano não haverá reimpressão. Em caso de roubo, será necessário apresentar Boletim de Ocorrência em que constem as informações sobre o ingresso.
- Pessoas com deficiência, idosos com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, gestantes, lactantes, pessoas com crianças de colo e pessoas com necessidades especiais terão atendimento prioritário para compra presencial de ingressos, respeitando a limitação de venda de cada espetáculo.
- É permitida a entrada de cães-guia.

O QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE A VENDA ONLINE DOS INGRESSOS?

Para comprar ingressos no **Portal Sesc SP** é necessário cadastrar-se no "Meu Perfil".

Após o preenchimento do formulário de cadastro, será enviada uma mensagem com o link de confirmação para ativar o cadastro. Caso não a receba na caixa de entrada do seu e-mail, verifique na caixa de spam, quarentena, promoções, lixo eletrônico ou lixeira.

A compra de ingressos no **Portal Sesc SP** permanecerá disponível até duas horas antes do início do espetáculo. Depois disso, os ingressos disponíveis poderão ser adquiridos pessoalmente nas bilheterias das unidades.

Ao comprar ingressos, o CPF do responsável pela compra estará vinculado à transação, restringindo a venda para os espetáculos em que há limitação de ingressos por pessoa.

Os lugares numerados para a venda online são distribuídos de forma aleatória, considerando sempre a oferta equilibrada entre os lugares mais próximos e afastados do palco.

Não há distribuição online de ingressos gratuitos. Os espetáculos infantis com gratuidade para crianças até 12 anos, ou aqueles que parcialmente oferecem ingressos gratuitos para categorias especiais, não estarão disponíveis para venda online.

Importante: leia atentamente a política de venda de ingressos.

QUAIS SÃO AS CATEGORIAS DE INGRESSOS DO SESC?

As categorias atendidas com desconto* são: trabalhador do comércio, serviços e turismo credenciado no Sesc e dependentes | estudante | ID Jovem | servidor da escola pública | aposentado | pessoa com 60 anos ou mais | pessoa com deficiência e o seu acompanhante.

É imprescindível a apresentação do documento que comprove o direito ao desconto na entrada da atividade.

Caso o documento comprobatório não possua foto, será necessário apresentar também um documento oficial com foto.

Os ingressos comprados na categoria incorreta não terão devolução da diferença de valor.

Caso não seja comprovado o direito ao desconto, será necessário complementar o valor do ingresso.

FORMAS DE PAGAMENTO

VENDAS ONLINE

- **Loja Sesc:** cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros*) ou boleto bancário (à vista).
- **Ingressos:** cartão crédito (à vista).
- **Seminários e Congressos:** cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros*) ou boleto bancário (à vista).
- **Cursos de Longa Duração:** Centro de Pesquisa e Formação: cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 10x sem juros*) ou boleto bancário em até 10 parcelas***
- **Reservas Bertogga:** cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros*) ou boleto bancário (em até 4 parcelas**).

PONTOS DE VENDA PRESENCIAL

- **Alimentação:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista) e Voucher Refeição.
- **Estacionamento:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista).
- **Ingressos:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista) e Voucher Cultura.
- **Ingresso Um Dia no Sesc Bertogga:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista).
- **Loja Sesc:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista e parcelado em até 8x sem juros*). Para livros, revistas, cd's e dvd's: Voucher Cultura.
- **Reservas Bertogga:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros*). Consulte informações referentes à nota promissória**.
- **Serviços Odontológicos:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 12x sem juros*). Consulte informações referentes à nota promissória***.
- **Seminários:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista) e Voucher Cultura.
- **Turismo Social (excursões):** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista e parcelado em até 8x sem juros*) ou boleto (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros*).
- **Turismo Social (passeios):** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros*).

* Para o parcelamento é necessário o valor mínimo de R\$ 30.
** Boleto bancários garantidos por Nota Promissória - 4 x (à vista e 3 parcelas pagas até a prestação do serviço). Recebimento de boletos bancários nas unidades do Sesc: somente dinheiro ou cartão de débito.
*** Boleto bancários garantidos por Nota Promissória em até 12 x (à vista e 11 parcelas). Recebimento de boletos bancários nas unidades do Sesc: somente dinheiro ou cartão de débito.

*Comprovantes aceitos para ingressos com desconto: credencial plena do Sesc válida | carteirinha de estudante, carteirinha escolar do ano ou semestre vigente, comprovante de matrícula ou de pagamento de mensalidade | comprovante ID Jovem | carteira funcional ou holerite para servidor de escola pública | comprovante de aposentadoria | documento de identidade para pessoas com mais de 60 anos.

COMO RETIRAR O INGRESSO COMPRADO ONLINE?

O ingresso poderá ser retirado na bilheteria de qualquer unidade do Sesc SP, mediante a apresentação do RG e o número do pedido.

Somente o titular da compra ou a pessoa indicada por ele poderá retirar o ingresso.

O titular da compra poderá indicar outra pessoa para retirar o ingresso no ato da compra, ou no cadastro "Meu Perfil >> Ingressos".

Recomendamos que a retirada do ingresso aconteça até um dia antes da realização da atividade.

Caso opte por retirá-los na unidade em que acontecerá a atividade, para sua comodidade, retire-os com até 30 minutos de antecedência. Lembramos que não é permitida a entrada após o início do espetáculo.

A retirada do ingresso online pelo responsável ou pessoa indicada confirma o interesse pela compra, impossibilitando a devolução ou troca para outro horário, dia ou espetáculo.

COMO É CANCELADO O INGRESSO ONLINE?

De acordo com o artigo 49 do Código de Defesa do Consumidor, você poderá se arrepender da compra do ingresso online e solicitar a devolução do valor:

- Para ingressos online comprados com antecedência, a solicitação de devolução deverá ocorrer em até 7 (sete) dias após a data da compra, desde que o espetáculo não tenha ocorrido. Exemplo: Ingresso comprado no dia 20/01 para espetáculo do dia 31/01: a devolução será até o dia 27/01, ou seja, até 7 dias após a compra.
 - Para ingressos online comprados com menos de 7 (sete) dias da data do espetáculo, a solicitação da devolução deverá ocorrer em até 48h antes do espetáculo. Exemplo: Ingresso comprado no dia 20/01 para espetáculo do dia 26/01: a devolução será até o dia 24/01, ou seja, 48 horas antes.
 - Para o ingresso online comprado no dia ou 48 horas antes do espetáculo, não haverá devolução. A solicitação de devolução do ingresso online somente será possível no prazo estabelecido e se o ingresso não tiver sido retirado. O titular da compra poderá fazer a devolução no **Portal Sesc SP**, acessando "Meu Perfil >> Ingressos".
- O valor do ingresso devolvido será estornado no cartão de crédito utilizado no ato da compra e poderá ocorrer na fatura seguinte ou subsequente, pois dependerá dos procedimentos de cada

BANDEIRAS DE CARTÕES DÉBITO E CRÉDITO - PONTOS DE VENDAS PRESENCIAL:

Mastercard, Visa, Hipercard, Elo Crédito, Elo Débito, Maestro, Visa Electron, Aura e Cabal.

BANDEIRAS VOUCHERS REFEIÇÃO E CULTURA - PONTOS DE VENDAS PRESENCIAL:

Alelo, Sodexo, VR, Ticket.

BANDEIRAS VENDAS ONLINE: Mastercard, Visa, Elo Crédito e Hipercard.

DÚVIDAS

sescsp.org.br



Central de Atendimento Sesc Guarulhos

OS EMPREGADOS COM REGISTRO EM CARTEIRA PROFISSIONAL, OS ESTAGIÁRIOS, OS TEMPORÁRIOS, OS DESEMPREGADOS HÁ ATÉ 12 MESES E AS PESSOAS QUE SE APOSENTARAM ENQUANTO TRABALHAVAM EM EMPRESAS DO RAMO DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO PODEM CREDENCIAR-SE NO SESC.

CRENCIAL PLENA

- **titular**
trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional atualizada e assinada que comprove o vínculo empregatício e foto 3x4*.
estagiários do comércio de bens, serviços e turismo - termo de compromisso ou carteira de trabalho em que conste o número do CNPJ da empresa, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
temporários do comércio de bens, serviços e turismo - contrato de trabalho ou holerite, carteira profissional atualizada, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
desempregados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional com o último registro comprovando estar desempregado há até 12 meses e foto 3x4*.
aposentados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional que comprove aposentadoria quando trabalhava em empresa do comércio de bens, serviços e turismo, além de comprovante do órgão de Previdência Social contendo essas informações e foto 3x4*.
titular falecido - o dependente cujo trabalhador, estagiário, temporário ou aposentado do comércio de bens, serviços e turismo é falecido, poderá requerer sua Credencial Plena. Além dos documentos citados na lista de titular e dependentes, deverão apresentar também a certidão de óbito.
- **dependentes**
cônjuge - documento de identidade, CPF, certidão de casamento, ou de nascimento de filhos em comum, ou, ainda, declaração de união estável e foto 3x4*. *Para os casos de união estável, a certidão deve mencionar os nomes do casal, os números dos documentos de identidade e assinatura de ambos.*
filhos, enteados, netos e tutelados (até 21 anos) - certidão de nascimento ou documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os netos, além desses documentos, apresentar também documento que comprove o parentesco com o titular. E para os tutelados, comprovante de tutela.*
filhos, enteados e netos (entre 22 e 24 anos) - documento de identidade, CPF, foto 3x4* e comprovante de matrícula ou pagamento recente de mensalidade em ensino superior, profissionalizante, pós-graduação (lato sensu, stricto sensu ou residência médica), preparatório para o ensino superior ou educação de jovens e adultos (EJA).
pais e padrastos - documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os padrastos e madrastras, é necessário apresentar documento que comprove união com o pai ou mãe do titular.*
avós - documento de identidade, CPF, documento que comprove o parentesco com o titular e foto 3x4*.



A INSCRIÇÃO É GRATUITA, VÁLIDA POR ATÉ 2 ANOS EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL E PODERÁ SER FEITA PELO TITULAR OU DEPENDENTES MAIORES DE 18 ANOS EM QUALQUER UNIDADE DO SESC.

CRENCIAL ATIVIDADES

A emissão da Credencial Atividades é gratuita, individual e permite o acesso às atividades, desde que haja disponibilidade de vagas, sem estabelecer vínculos associativos. Menores de 18 anos devem estar acompanhados dos pais ou responsáveis legais.

- Documento de identidade, CPF e foto 3x4*.

***A foto poderá ser tirada gratuitamente no ato do credenciamento. Em caso de perda ou extravio da credencial será cobrada uma taxa de R\$ 20 para a emissão da segunda via.**



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo
 Av. Álvaro Ramos, 991 - Belenzinho

CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO

Presidente: Abram Abe Szajman.
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda

Efetivos:

Aguinaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva e Valterli Martinez.

Suplentes:

Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costáble Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vitor Fernandes e William Pedro Luz.

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Efetivos:

Abram Abe Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior e Rubens Torres Medrano.

Suplentes:

Álvaro Luiz Brazudin Furtado, Francisco Wagner de La Torre e Vicente Amato Sobrinho.

CONSELHO DE REDAÇÃO E PROGRAMAÇÃO

Diretor: Danilo Santos de Miranda

Adenor Serrano Domiense, Adriane Ribeiro, Affonso Lobo Chaves, Aguinaldo Soares, Alexandra Linda Matos, Aline de Castro, Aline Ribenboim, Amanda Brogio, Ana Ambrosio, Ana Emilia de Silos Cruz, Ana Flavia da Cruz Sousa Miranda, Ana Paula Cardoso, Ana Paula Fraay, Andre de Castro, Andreia Dorta, Angelita Borges, Aparecido dos Santos Junior, Beatriz Falasco, Bruna Daniel, Camila Curaçá, Carolina Barbosa de Melo, Carlos Daniel, Cherry Mendes Virote, Cláudia Cássia de Campos, Claudia Vieira Garcia, Consuelo Regina de Carvalho, Cynthia Petrys, Dalmir Ribeiro Lima, Dani Monte Rosa, Danny Abensur, David Sampaio, Denise Kieling, Diego da Silva Oliveira, Dih Lemos, Elaine de Sousa, Elias Manuel Camargo Cesco, Elisangela da Silva Pimenta, Eloá Cipriano, Emerson Pirola, Erika Georgino, Estevão Denis, Evelim Lúcia Moraes, Fabiana Freitas, Fabiana Passoni Martins Kuhn, Fabiola Milan, Felipe Veiga do Nascimento, Fernanda Dorazio, Fernanda Fava, Fernanda Porta Nova, Fernando Lima, Flávio Cardamone, Gabriel Madureira, Gabriela Graça, Gean Carlo Seno, Gean Lopes, Geraldo Cruz, Geraldo Ramos Junior, Gisely Martins, Guilherme Barreto, Indiana Fernanda da Cunha Duarte, Ivan da Hora, Jade Porto, Jade Stella Martins, Jáderson J. Porto, João Cotrim, João Roberto, José Mauricio, Juliana Gardim, Juliano Lima, Karla Priscila, Karen Pimentel, Larissa Thomaz Corá, Layana Peres de Castro, Lidi Lyu, Lucia Lopes, Luciane Garcia, Luciano Domingos, Luciano Teixeira, Lúcio Erico, Márcia Beltrami, Maria Cecilia de Nichile, Maria Eduarda Chufalo, Mariana Barbosa Meirelles, Marina Reis, Mario Matos, Mário Sérgio Barroso, Natalia Caetano, Natalie Ferraz Kaminski, Ney da Silva Martins, Odinei Ronaldo Vieira, Pedro Ribeiro, Poliana Queiroz, Rafaela Ornetto, Rafael Peixoto, Rejane Pereira da Silva, Renato Diego, Renato Pereira, Ricardo Carrero, Ricardo Simone, Rosana Catelli, Rosângela Barbalacco, Rose Silveira, Roseli Silva Moreira, Rosi Machado, Rovena Verona, Ruan Carlos, Sílvia Garcia, Simone Cilli, Solange Rocha, Tamara Demuner, Tâtianna Fonseca, Thais Kruse, Thaisa Senne, Thiago Ferri, Valquiria Pinheiro e Vilma Aparecida De Marchi

REVISTA E

Coordenação Geral: Ivan Paulo Giannini

Diretor Responsável: Miguel de Almeida. • **Diretor de Arte:** Werner Schulz

• **Edição de Textos (Revista E):** Ana Paula Cardoso e Maria Julia Lledo

• **Edição de Fotografia:** Adriana Vichi • **Repórteres:** Márcia Scapatício e Maria Julia Lledo

• **Edição do Em Cartaz:** Paula Wulf, Alex Olobardi, Rebeca Fornazzari e André Olobardi

• **Revisão:** Luciana Batista de Azevedo • **Coordenação Executiva:** Marcos Ribeiro de Carvalho e Fernando Fialho

• **Coordenação Editorial Revista E:** Adriana Reis e Marina Pereira

• **Coordenação Editorial Em Cartaz:** Aline Ribenboim • **Propaganda:** Daniel Tonus, José Gonçalves Júnior e Renato Perez de Castro

• **Arte de Anúncios (Revista E e Em Cartaz):** Alexandre Calderero e José Gonçalves Júnior

• **Supervisão Gráfica:** Hélcio Magalhães

• **Finalização:** Lourdes Teixeira e Werner Schulz • **Criação Digital Revista E:** Ana Paula Fraay e Priscila Ravanelli Andreani

• **Circulação e Distribuição:** Jair Moreira

Jornalista Responsável: Miguel de Almeida MTB 14122. A **Revista E** é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da **Superintendência de Comunicação Social** e realizada pela **Lazuli Editora**. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Esta publicação está disponível no site:
sescsp.org.br

Sala São Paulo Digital

Mariana Garcia



A importância do contato com a música atravessa os tempos como algo essencial ao bem-estar da humanidade. Em *República*, o filósofo Platão já recomendava a educação dos corpos pela atividade física e também pela *musiké* – conceito que soma em uma palavra música, poesia e dança. Na Antiguidade, a música estava associada a uma missão: colocar o corpo e o espírito em equilíbrio. Passados os séculos, a transcendência da música segue intacta. Hoje acompanhamos pela internet *lives* de artistas e grupos em redes sociais, a exemplo das ações realizadas pelo Sesc São Paulo nas plataformas digitais. Para endossar essa programação, orquestras sinfônicas e coros também são atrações na internet.

A medida de reclusão social para contenção do novo coronavírus não afasta amantes e curiosos da fruição da música clássica. Ainda que na Praça Júlio Prestes, no centro da capital paulista, o silêncio abrace a Sala São Paulo, concertos sinfônicos e de câmara voltam-se para dentro das nossas residências. Pelas redes sociais e pelo canal no YouTube, a Sala São Paulo Digital convida o público para assistir a apresentações da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp).

Do sofá de casa, é possível assistir a concertos do acervo Osesp – realizados junto a maestros e solistas convidados. E, aos domingos, pelo Concerto Digital Osesp Personalité, acompanhar transmissões que foram registradas ao vivo de temporadas passadas da orquestra. Também há registros da temporada atual, que celebra os 250 anos de nascimento do compositor alemão Ludwig van Beethoven. E, para que não restem dúvidas, na página oficial da Sala São Paulo, há o recado: “A música aqui não tem fim, mesmo quando não podemos manter as portas abertas”.

Bom espetáculo!

SERVIÇO

SALA SÃO PAULO DIGITAL

Além do acervo disponível na página da Sala São Paulo no YouTube, em junho estreiam três apresentações da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), regidas por Marin Alsop. Confira:

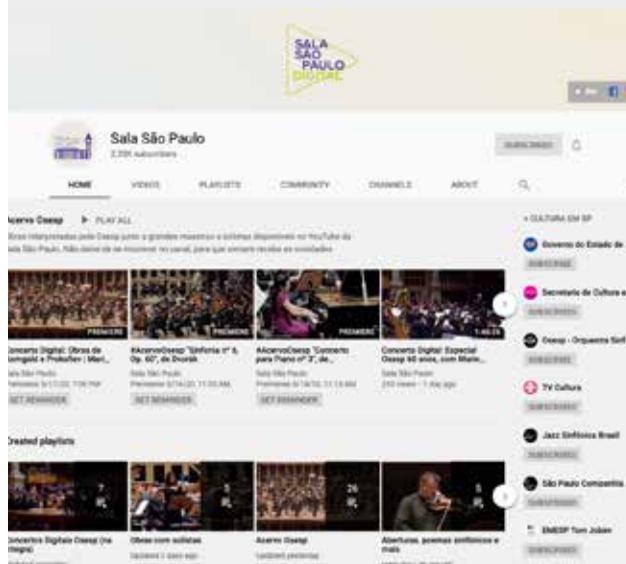
- 4/6 **Especial Schumann/Mahler**
Schumann/Mahler |
Sinfonia nº 2 em Dó Maior,
Op. 61
- 6/6 **Especial Schumann/Mahler**
Schumann/Mahler |
Sinfonia nº 3 em Mi Bemol Maior,
Op. 97 – Renana
- 11/6 **Especial Schumann/Mahler**
Schumann/Mahler |
Sinfonia nº 4 em Ré Menor, Op. 120

Saiba mais:

- <http://salasaopaulo.art.br/>
- <https://www.youtube.com/channel/UCre0FeSt9TaySXNcKnooGtg/videos>

Leia também uma conversa com o diretor artístico da Osesp, Arthur Nestrovski, publicada em janeiro, pela *Revista E*.

- https://www.sescsp.org.br/online/artigo/13908_ENTRE+SONS+E+SENTIDOS





EDUCAÇÃO PRESENTE

Cresei ouvindo minha madrinha, Clara Tuacek, falar sobre o ensino a distância. Aquela tia respeitada, professora da tão temida Matemática, estudiosa da EAD – naquela época, ainda por correspondência – trabalhava na Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências. Para mim, no auge dos 9 anos de idade, tudo se resumia a uma sigla – Funbec, e lembro que, em 1989, nossa família ficou muito animada quando ela e mais cinco educadores brasileiros foram selecionados para estudar EAD no Instituto de Educação da Universidade de Londres.

Na passagem para a adolescência, a minha vivência com essa forma de aprender ocorreu por meio dos livros do “Follow Me” e suas fitas VHS com lições de inglês, e por apostilas e tutoriais com os quais me aventurava a mexer no computador – um “ser” que logo começou a ocupar espaço importante na minha casa e na minha órbita de interesses.

Em 1996, minha irmã foi diagnosticada com leucemia, um momento angustiante, de medo e incertezas, que felizmente foi superado. Nesse período tive como refúgio a paixão pelo judô. Mais tarde, este interesse me levou a cursar educação física e a explorar novos horizontes, como pedagogia, didática e seus grandes mestres.

Os anos passaram e em 2007 ingressei no Sesc, onde iniciei minha trajetória na área físico-esportiva e, desde 2014, atuo no campo das iniciativas e realizações para o meio digital, com desafios como o de contribuir para o desenvolvimento de uma plataforma digital de educação a distância, dedicada à oferta de cursos livres.

Em 2016, como em um “déjà vu”, novamente a angústia, o medo e a incerteza. Gabriel, meu filho mais velho, foi diagnosticado com leucemia. O tratamento, complexo e delicado, exigiu de nossa família a utilização de máscaras e álcool em gel, e desenvolvemos hábitos exacerbados de higiene pessoal, num esforço conjunto para evitar

a contaminação por vírus e bactérias oportunistas. Por esse motivo ficou afastado da escola por três anos; tivemos que nos adaptar à educação a distância, para que ele não perdesse os anos letivos.

Por sorte, minha esposa é professora e contribuiu de maneira fundamental em todo este processo que se deu por meio de livros didáticos, lições e trabalhos dos 6 aos 8 anos de idade. No entanto, ficou inacessível a ele, no decorrer do distanciamento para preservar sua saúde, o aprendizado advindo da convivência com seus pares, da relação com o outro, da divisão do tempo e espaço, do convívio humano com seus amiguinhos.

Encerramos esse ciclo no final de 2019, com o término do tratamento quimioterápico. Confesso que esperávamos, em meu círculo familiar, um 2020 com mais vento no rosto que olhos grudados nas telas. Contudo, a pandemia causada pela Covid-19 colocou-nos, porém, diante de renovados desafios – desta vez, acompanhados pelo mundo inteiro!

Nestas últimas semanas, tenho visto famílias se encontrando virtualmente. Educadores diante do desafio de manter a atenção dos alunos por meio de dispositivos. Pais se desdobrando entre o trabalho em casa (para além do trabalho de casa) e o suporte às aulas ao vivo de seus filhos. Este universo EAD, que até ontem era um recurso complementar, hoje se revela imprescindível.

Definitivamente não é tão simples como quando, aos meus olhos curiosos de criança, ficava admirado enquanto a tia Clara me ensinava a calcular no ábaco, contudo, o mais importante é que a educação esteja sempre presente, principalmente na construção de uma nova era pós-pandemia. ■

FERNANDO TUACEK é graduado em Educação Física, com MBA em Gestão Empresarial, e trabalha como gerente adjunto no Sesc Digital.

#emcasacomsest

uma iniciativa que proporciona o encontro do público com pesquisadores e artistas das mais diversas áreas e linguagens, em ambiente digital

12h crianças

aos sábados

nossa programação para pais e filhos, agora também online

16h ideias

terças, quintas e sábados

debates sobre as principais questões que tensionam a agenda sociocultural e educativa atual

19h música

todos os dias

transmissões ao vivo, na sua tela, diretamente da casa do artista

21h30 teatro

segundas, quartas, sextas e domingos

espetáculos e leituras dramáticas em versão virtual

[instagram.com/sescaovivo](https://www.instagram.com/sescaovivo)

[youtube.com/sescsp](https://www.youtube.com/sescsp)

